

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Curso de Letras – Redação e Revisão de Textos



Trabalho de Conclusão de Curso

O Leitor Produtor como sujeito concretizador de sentido

Luíza Simões de Oliveira

Pelotas, 2018

Luíza Simões de Oliveira

O Leitor Produtor como sujeito concretizador de sentido

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras – Redação e Revisão de Textos.

Orientador: Alfeu Spareberguer

Pelotas, 2018

Resumo

Este trabalho pretende explorar o leitor e sua potencialidade como produtor de textos a partir da Teoria do Efeito Estético, desenvolvida por Wolfgang Iser. Assim, é analisado o papel do leitor em relação ao texto, entendendo que o leitor é o responsável por concretizar o sentido do texto a partir dos vazios deixados por ele. Isso faz com que o leitor seja não apenas receptor, mas também parte fundamental da estrutura do texto, visto que efetiva o sentido da obra. Com base nessa análise, desenvolve-se a ideia do Leitor Produtor, um sujeito pós-moderno que desenvolve novos sentidos para o texto, encaixando tal atitude em suas reivindicações identitárias enquanto indivíduo social. Reflete-se sobre um pouco da história do fã apresentado neste trabalho, e como o Leitor Produtor, enquanto fã, ignora os limites estabelecidos pelo texto ou pelo autor e aproveita-se dos vazios deixados pelo texto para fazer uma nova produção escrita, a fanfic, aproveitando-se da cibercultura para fazer isso de forma coletiva em uma comunidade, o Fandom. Observa-se também como o fator identitário interfere na concretização e produção de sentido e quais estratégias esse fã, ao não se ver representado, apropria-se do texto-fonte também com o objetivo de se fazer representar naquele universo.

Palavras-chave: Leitor; Fanfiction; Fã; Wolfgang Iser; Sujeito pós-moderno.

Abstract

This work intends to explore the reader and their potentiality as a producer from the Theory of Aesthetic Effect, developed by Wolfgang Iser. Thus, the role of the reader in relation to the text is analyzed, understanding that the reader is responsible for concretizing the meaning of the text from the gaps left by it. This makes the reader not only a receiver but also a fundamental part of the structure of the text, since it makes the meaning of the work. Based on this analysis, the idea of the Producer Reader is developed, a postmodern individual that develops new meanings for the text, fitting such an attitude into its identity claims as a social individual. It reflects on a bit of the history of the fan presented in this work, and how the Producer Reader, as a fan, ignores the limits established by the text or by the author and takes advantage of the gaps left by the text to make a new written production, the fanfic, taking advantage of cyberculture to do this collectively in a community, the Fandom. It is also observed how the identity factor interferes in the concretization and production of meaning and which strategies this fan, not being represented, appropriates the source text also with the aim of being represented in that universe.

Key-words: Reader; Fanfiction; Fan; Wolfgang Iser; Postmodern Individual.

Sumário

Introdução	5
1 Interação texto-leitor	8
2 O Leitor Produtor	11
3 Identidade fragmentada e o sujeito pós-moderno	16
4 O Fandom e a Fanfic	18
4.1 A Cibercultura	18
4.2 Um pouco da história do Fandom	20
4.2.1 Star Trek	23
4.2.2 Harry Potter	25
4.3 (Re)Interpretações e transformações	27
5 Sobre Fanfiction	33
6 Análise	36
6.1 Despedidas — Contando o que não foi narrado	36
6.2 Boy with a Scar — E se Neville fosse o escolhido?	39
6.3 Inominável — Questionamento e homossexualidade	43
Considerações finais	48
Referências Bibliográficas	51
Anexos	53

Introdução

Os estudos literários têm como um de seus objetivos explorar e analisar obras literárias entendendo os processos, as estratégias e as técnicas usadas na produção do texto. A teoria literária é a responsável por analisar a prática dos estudos literários, explicitando as abordagens analíticas e buscando compreender como e por que elas se diferenciam (COMPAGNON, 2010, p. 20). A Estética da Recepção, inaugurada inicialmente com objetivo historicista, é uma teoria voltada a analisar as abordagens estratégicas e as técnicas da recepção do texto literário, tendo como foco o leitor.

A abordagem objetiva, ou formal, da literatura se interessa pela obra; a abordagem objetiva, expressiva, pelo artista; a abordagem mimética, pelo mundo; a abordagem pragmática, enfim, pelo público, pela audiência, pelos leitores (COMPAGNON, 2010, p. 137).

Entender como o leitor interage com o texto é entender como fatores sócio-históricos interferem na percepção desenvolvida pelo leitor em relação ao texto. A Estética da Recepção se preocupa em entender como o efeito estético se dá com o leitor e qual é o papel deste no texto, explorando os detalhes da interação entre texto e leitor e estratégias usadas pelo texto e pelo leitor para a formação do sentido, tanto o intencionado pelo texto quanto o concretizado pelo leitor. Faz parte dessa corrente crítica, então, observar as evoluções sociais, a maneira como elas interferem no texto literário e como o leitor, enquanto sujeito social, relaciona as informações disponibilizadas pelo texto com o universo social em que ambos, texto e leitor, se inserem.

Proponho-me neste trabalho a analisar uma das possibilidades de produto da interação entre texto e leitor: o fandom¹, uma comunidade de fãs — hoje majoritariamente virtual — cuja existência considero resposta ao desenvolvimento tecnológico e midiático da sociedade. Meu objetivo é explorar uma pequena parte do fandom, a interação entre texto e leitor-fã e como ela acontece na produção de fanfictions², uma das formas de manifestação do fandom.

¹ “Fandom” é diminutivo da expressão “Fan Kingdom” e/ou “Fan Domain”, que pode ser traduzido para “Reino do Fã” e “Domínio do Fã”, respectivamente.

² Fanfiction pode ser traduzida para “ficção do fã”, e também é chamada de “fanfic” ou “fic”.

Para tal, primeiro considero como a interação entre leitor e texto acontece, explorando as teses de Wolfgang Iser em sua Teoria do Efeito Estético. Iser discorre sobre a interação entre texto e leitor e as estratégias que levam à concretização do sentido do texto por parte do leitor enquanto receptor da obra. É importante, então, definir o leitor, que papel espera-se que ele cumpra e como o fã — sujeito não explorado por Iser — se encaixa enquanto leitor e cumpre seu papel de concretizador do sentido, tendo em mente que esse fã não interage de forma passiva com o texto, mas de forma diferente dos leitores analisados por Iser.

Para tal, comento alguns tipos de leitor analisados por Iser em *O Ato da leitura I*, e apresento o Leitor Produtor: um leitor que, enquanto fã, se recusa a aceitar passivamente o que o texto apresenta e, a partir de um envolvimento emocional desenvolvido pelo texto-fonte, passa a produzir outros textos, as fanfics, para expandir o universo do texto-fonte e impor interpretações, negadas ou não, apresentadas pelo texto-fonte.

Observo ainda como o leitor-fã se encaixa nas evoluções sociais trazidas pelo fenômeno da internet e toda a cultura cibernética que foi desenvolvida a partir disso, algo definidor da identidade do fã e de suas formas de interação. Toda comunidade estabelece uma forma de organização social, e entender como o fandom se organiza é entender como o fã interage com o texto enquanto sujeito pós-moderno em constante busca de entendimento pessoal. Para tal, o capítulo 4 desmembra fatores importantes do fandom, como a Cibercultura e os três grandes fandon — *Sherlock Holmes*, *Star Trek* e *Harry Potter* — que influenciaram a comunidade e sua organização interacional, seja entre si, com o texto-fonte ou com a produção do fã enquanto Leitor Produtor.

Para ilustrar isso de forma mais clara, analiso três fanfics do fandom de Harry Potter, investigando como se dá a interação entre o fã, o texto-fonte e a fanfic, observando algumas das estratégias usadas pelo Leitor Produtor nesse processo e algumas de suas motivações para fazê-lo, tendo sempre em mente o papel da literatura para o sujeito e para sociedade.

Um TCC, porém, não é o bastante para explorar a imensidão do universo do fandom. Confirmação disso é o fato de que duas das obras usadas como referência neste trabalho, *Fic* (2015), de Anne Jamison, e *Invasores do texto* (2015), de Henry Jenkins, têm o mesmo objetivo: discorrer sobre o fandom. O fazem, porém, com conteúdo e forma completamente diferentes. Jenkins continua, em outras obras, a

tratar do fandom e de suas repercussões sociais, mas mesmo assim admite ainda haver muito a ser discutido — inclusive sobre a metodologia de pesquisa e análise dos estudos dos fãs, tema que tem discutido recorrentemente em seu blog pessoal.

Trago uma alternativa metodológica de estudo dos fãs, conectando esta área, muito explorada pela comunicação social e estudos midiáticos, com os estudos literários. Na elaboração deste trabalho, encontrei pouquíssimos textos que tratassem da relação do fandom com a literatura, apesar da importância do texto escrito na comunidade. Os estudos dos fãs normalmente têm caráter midiático, cibernético e identitário; quando se discute o caráter literário, é sempre de forma sucinta e superficial. Aqui, pretendo apresentar o Leitor Produtor como uma nova possibilidade de concretização de sentido do texto literário, que acompanha a evolução da interação entre texto, leitor e meios de leitura.

1 Interação texto-leitor

A necessidade de uma teoria que se voltasse à experiência estética e histórica do leitor deu origem à Estética da Recepção, uma área teórica voltada para “a busca de significações aparentemente ocultas nos textos literários” (ISER, 1996, p. 23), efetivadas pelo leitor. Se antes o sentido da obra era atribuído a partir do texto e, em seguida, a partir da intenção do autor, aqui o sujeito concretizador do sentido da obra é o leitor.

Enquanto se falava na intenção do autor, da significação contemporânea, psicanalítica, histórica etc. dos textos ou de sua construção formal, os críticos raramente se lembraram de que tudo isso só teria sentido se os textos fossem lidos. É certo que todos consideravam esse fato como evidente, mas ao mesmo tempo sabemos muito pouco sobre tal evidência (ISER, 1996, p. 49).

É o leitor, no ato de leitura, que subtrai do texto o que chamamos de sentido – a ideia ou interpretação sugerida pelo texto e concretizada na consciência do indivíduo durante o ato de leitura, a partir de um repertório prévio único e particular de cada leitor. Enquanto sujeito socializado e inserido em contextos históricos, o leitor preenche e completa com seu próprio repertório o que lhe é (ou não) apresentado no texto. A interação entre texto e leitor, o dialogismo formador dessa interação, faz com que o texto cumpra seu objetivo de passar uma mensagem. É o leitor que liga os elementos dos textos (enredo, cenas, personagens, códigos, símbolos etc.).

A interação se dá, inicialmente, a partir dos repertórios, dos quadros de referência próprios de cada texto e leitor. Esses quadros são experiências anteriores ao ato de leitura, que existiam previamente à interação entre texto e leitor e estão em constante atualização graças ao ato de leitura. Essa interação acontece em lacunas entre (e com) o dito e o não-dito do texto. São os vazios, elementos fundamentais de assimetria do texto, que fazem essa comunicação com o leitor possível (ISER, 1979). O texto projeta imagens para o leitor, orientando-o no decorrer da leitura e dando a ele ferramentas e informações para que cada imagem projetada ao leitor seja constantemente atualizada a partir de novas imagens e informações disponibilizadas pelo texto. Essa troca cria equilíbrio no texto, visto que essas imagens atualizadas regulam e limitam as interpretações possíveis a partir da

convergência entre o quadro de referência do texto e o quadro de referência do leitor.

O vazio, nesse caso, orienta as possibilidades de interpretação para manter o leitor próximo do sentido intencionado pelo texto. O leitor não pode tirar do texto a certeza de que sua compreensão é adequada se não lê-lo por completo, já que as referências entre eles ainda estão em processo de concretização e atualização e são, de certa forma, arbitrárias. Assim, o vazio existente no texto é preenchido pelo leitor com suas experiências prévias, seu horizonte de expectativas, o que faz de sua interpretação algo único e imprevisível.

Assim como toda experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um “sabor prévio, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial”. Ademais, a obra que surge não se apresenta como uma novidade absoluta num espaço vazio, [...] Ela desperta a lembrança do já lido (JAUSS, p. 28, 1994).

É no horizonte de expectativas que a literatura se faz acontecimento, já que um dos objetivos do texto é interagir e interferir no horizonte de expectativas do leitor. A leitura que um sujeito faz, segundo a Estética da Recepção, nunca será a mesma de outro sujeito. A interação é um sucesso quando o leitor consegue preencher os vazios do texto, confirmando que as projeções do texto atingiram o leitor e, por sua vez, geraram sentido a esse sujeito (ISER, 1979, p. 88-89).

A teoria de Iser, entretanto, limita a interpretação do leitor através das informações dadas no texto. Assim, se o texto afirmar ou negar algo, o leitor não tem autoridade para rejeitar ou ignorar tal declaração. Segundo o autor, a autoria do texto, afinal de contas, não pertence ao leitor, por isso o sentido criado pelo leitor pode ser barrado pelo texto e pelas atualizações de imagens feitas no decorrer da leitura. O texto, para tal, usa complexos de controle que regulam a atualização de imagens e interpretações feitas pelo leitor, o que pode ser entendido como uma limitação do horizonte de expectativas e da forma com que o leitor pode concretizar o sentido. Este, assim, só poderia ser concretizado por um leitor que tem seu horizonte de expectativas culturalmente compatível com o do texto, pois caso contrário há falha na comunicação entre texto e leitor e, assim, na concretização do sentido.

Iser explica que a obra literária tem dois polos, o artístico e o estético. O polo artístico diz respeito ao texto criado pelo autor, enquanto o estético corresponde à

concretização de sentido realizada pelo leitor no ato de leitura. Assim, “segue dessa polaridade que a obra literária não se identifica nem com o texto, nem com a concretização. Pois a obra é mais do que o texto, é só na concretização que ela se realiza” (ISER, 1996, p. 50). Isolar os polos, portanto, é deixá-los incompletos e desequilibrados, visto que o texto não é capaz de significar por si mesmo, e a concretização não pode ser reduzida a uma mera representação caracterizadora do papel do leitor no texto. Esse desequilíbrio, por sua vez, leva à falha na interação texto-leitor, pois os polos, quando isolados, não conseguem comunicar suas projeções de forma efetiva, permitindo que o leitor imponha suas próprias projeções sem ser limitado pelas projeções do texto. Para Iser, um processo assim constituído significa o fracasso na concretização de sentido.

Iser afirma, então, que a concretização do sentido e a atualização das imagens projetadas pelo texto se dá na perturbação, por parte do texto, do horizonte de expectativas do leitor; nega, porém, que o horizonte de expectativas do leitor possa interferir no texto. Segundo Iser,

O leitor, porém, não pode escolher livremente esse ponto de vista, pois ele resulta da perspectiva interna do texto. Só quando todas as perspectivas do texto convergem no quadro comum de referências o ponto de vista do leitor torna-se adequado (ISER, 1996, p. 74).

A contradição fica clara se refletirmos sobre as possibilidades deixadas pelos próprios vazios do texto: o leitor pode projetar que o protagonista é, por exemplo, negro, mesmo que o horizonte de expectativas do texto (e do autor), por questões sócio-históricas, faça dessa uma característica improvável. Essa projeção, imposta pelo leitor e não pelo texto, interfere no sentido concretizado pelo leitor de uma forma que não foi intencionada pelo texto/autor.

Iser, podemos concluir, não aceita que o leitor interfira no texto, apenas que o texto interfira no leitor. Para entender melhor como isso se efetiva, é preciso entender o perfil do leitor ao qual Iser se refere, o que será explorado no próximo capítulo.

2 O Leitor Produtor

A História da Recepção, buscando registrar a história social do gosto do leitor, tentou criar definições de leitores e de como a leitura se dá a partir disso. Esse esclarecimento é importante para entender a forma com que o sentido é concretizado e quais são as estratégias usadas pelo leitor e pelo texto para a concretização do sentido. Buscava-se, então, normas de avaliação dos leitores e de seu papel na concretização de sentido. Isso, porém, é fazer do leitor uma mera estrutura do texto, desconsiderando o leitor real e o horizonte de expectativas particular e único de cada leitor, que define a concretização de sentido de cada sujeito.

No processo de desvendar, conceber e definir o leitor, foi pensado o *leitor ideal*. Este é, porém, uma impossibilidade estrutural. O leitor ideal, segundo o proposto, é capaz de identificar todas as possibilidades de sentido sugeridas pelo texto, decodificando perfeitamente todo o potencial de sentido do texto. Isso implica, então, que esse leitor compartilha do mesmo código e horizonte de expectativas do autor, o que já foi concluído como impossível, visto que cada sujeito tem um horizonte de expectativas e forma de leitura únicos. Esse leitor é então uma ficção, o único capaz de preencher completamente as lacunas de argumentação que surgem no decorrer de uma análise. É uma designação de resultado do efeito estético, e Iser acredita que

É preciso mudar o nosso ponto de vista e concentrar o interesse mais nos atos estimulados pelos efeitos do que nos resultados; isso significa nos livrarmos de certas consequências metodológicas, preestabelecidas pelos tipos de leitor em causa (ISER, 1996, p. 66).

Busca-se, a partir disso, desenvolver tipos de leitores como investigadores de possibilidades de sentido, e não meros tradutores do sentido intentado pelo texto. Iser comenta então sobre o Arquileitor de Michael Riffaterre, o Leitor Informado de Stanley Fish e o Leitor Intencionado de Erwin Wolff.

O Arquileitor, Iser explica, se apoia em pontos chave do texto para objetificar e comprovar o “fato estilístico” a partir de reações e interpretações comuns feitas por leitores de competências diferentes, assumindo que esse fato estilístico só pode ser definido a partir da percepção do leitor. Esse leitor evidencia que a qualidade estilística do texto não pode ser captada apenas por características linguísticas, mas exige competências e conhecimentos sócio-históricos em relação ao texto. Essa

exigência faz desse leitor uma impossibilidade, visto que dificulta e limita sua efetivação ao assumir que apenas leitores com o horizonte de expectativas exigido pelo texto são capazes de concretizar o sentido da leitura. O leitor concretiza um sentido do texto mesmo que, por divergências culturais, não tenha todas as competências e conhecimentos exigidos pelo texto.

Fish, ao sugerir a noção de Leitor Informado, pretende descrever os efeitos do texto sobre o leitor e como os textos são atualizados pelo leitor. Para tal, o leitor precisa ter conhecimento do idioma do texto em questão e de implicações culturais em volta desse idioma, além de ter conhecimento teórico-literário avançado compatível com o esperado e exigido pelo texto. Esse leitor faz todo o possível para adquirir o conhecimento necessário para decodificar todas as possíveis interpretações oferecidas pelo texto enquanto é consciente de suas reações e atualizações imagéticas no processo de leitura, buscando controlar essas atualizações, visando sempre o entendimento mais profundo possível do texto. Esse leitor, como o Arquileitor, é preso a fatores sociais e linguísticos e limitado pelo horizonte de expectativas previsto pelo texto. Parece ser um leitor estritamente acadêmico, que não lê por ler, mas que tem como objetivo analisar o texto e as suas reações durante a leitura. Por isso é falho e, de certa forma, inacessível.

Wolff, ao sugerir o Leitor Intencionado, busca reconstruir o leitor imaginado pelo autor do texto e o público que o autor queria alcançar no ato de publicação da obra. Esse leitor, como o Leitor Ideal e por isso ficção do leitor no texto, tem conhecimento profundo das condições de produção da obra e das intenções do autor, e é falho por ter posições e conhecimentos que não condizem com o papel do leitor no texto. Ele, como o Leitor Informado, é uma ferramenta minuciosa de análise e desmembramento da obra, não necessariamente o leitor real, concretizador da leitura.

O arquileitor apresenta um meio de verificação que serve para captar o fato estilístico pela densidade de codificação do texto. O leitor informado é uma concepção didática que se baseia na auto-observação da sequência de reações, estimulada pelo texto, e visa aumentar o caráter de informação e assim a competência do leitor. Por fim, o leitor intencionado é um tipo de reconstrução que permite revelar as disposições históricas do público, visadas pelo autor. Apesar das diferenças de suas intenções, as três propostas tem um denominador comum. Elas entendem suas concepções como possibilidade de ultrapassar, ao introduzir a figura do leitor, o alcance limitado da estilística estrutural, da gramática transformacional e da sociologia da literatura (ISER, 1996, p. 72-73).

Iser aconselha, então, que se diferencie a ficção do leitor e o papel do leitor. O papel do leitor se desenvolve na atividade da leitura como resultado da interação de diversas perspectivas. Estas, por sua vez, são definidas apenas pelo sujeito enquanto indivíduo socializado, ou seja, principalmente pelo seu horizonte de expectativas. A ficção do leitor é um aspecto do papel do leitor, uma das perspectivas usadas pelo leitor na concretização do sentido do texto.

Na imagem do leitor intencionado se matizam sobretudo as condições históricas que influenciavam o autor no momento da produção de seu texto. [...] Como ficção do leitor, o leitor intencionado marca posições no texto que, no entanto, não são idênticas ao papel do leitor no texto. [...] É aconselhável por isso diferenciar entre ficção do leitor e papel do leitor. A ficção do leitor é marcada no texto por um determinado repertório de sinais. Este, no entanto, não é isolado nem independente de outras perspectivas estabelecidas pelo texto que se manifestam no romance como o narrador, os personagens e a ação. Em consequência, a ficção do leitor é apenas uma das perspectivas do texto que se relacionam e interagem com outras. Ao contrário dessa concepção, o papel do leitor resulta da interação de perspectivas e se desenvolve na atividade orientada da leitura; desse modo, a ficção do leitor no texto não pode apresentar mais do que um aspecto do papel do leitor (ISER, 1996, p. 72).

Ao concluir que o leitor é a “referência de sistema” dos textos, Iser pergunta, finalmente, o que se pressupõe como leitor. Sugere então o Leitor Implícito, cuja concepção representa uma estrutura do texto que antecipa a presença do receptor, enfatizando as estruturas de efeito do texto que são apreendidas pelo leitor real. Para tal, o texto literário oferece dois papéis centrais para o leitor, definindo-o como estrutura do texto e estrutura do ato de concretização do texto. O Leitor Implícito é parte da estrutura do texto que, baseado no receptor esperado pelo escritor, guia o autor na construção e estruturação dos elementos do texto, tentando estabelecer os vazios, ditos e não-ditos de forma clara para guiar a concretização de sentido do leitor real no decorrer da leitura.

Diferente dos leitores citados por Iser anteriormente, o Leitor Implícito é necessário justamente por não ser real, sendo uma ferramenta para garantir a boa estruturação do texto. Essa estrutura estabelece as perspectivas do autor, manifestadas pelos elementos constituintes do livro — o mundo, o narrador, o enredo, os personagens etc — e que deve ser transmitida de forma clara, em um código que o leitor consiga apreender para assim concretizar o sentido do texto. O Leitor Implícito não exige conhecimentos específicos do leitor real, apenas ajuda o

autor a construir o texto de uma forma que o leitor, independente de seu horizonte de expectativas, consiga atualizar as imagens do texto de forma linear e, assim, gerar um sentido.

A concretização de sentido através da leitura, então, é uma resposta aos incentivos que o texto dá ao leitor. Segundo Iser, o leitor permite que o texto interfira e altere sua interpretação, assumindo assim o ponto de vista proporcionado pelo texto — o leitor, enquanto estrutura e concretizador do texto, é totalmente subordinado a ele e às atualizações por ele oferecidas, não tendo liberdade de escolher livremente o próprio ponto de vista.

Há, porém, um grupo de leitores que quebra essa regra ao se apropriar do texto e, conscientemente, ignorar o sentido total ou parcial imposto por ele, deliberadamente alterando o horizonte de expectativas. Cabe trazer aqui o *Fandom*, uma comunidade de leitores-fãs cuja ligação com o seu objeto de admiração (o texto), seja ele impresso ou audiovisual, ultrapassa a apreciação passiva, entendida aqui como uma apreciação que recebe e aceita o conteúdo sem transgredir os limites de sentido impostos por ele.

Esses fãs – que aqui tratamos como leitores que produzem principalmente com o material impresso – dedicam-se a esse objeto com tanta intensidade que expandem os vazios deixados no texto, não se importando se, em algum momento, esse vazio é atualizado, contraposto ou negado; vão além disso e usam os próprios vazios como base para algo que foge do estabelecido pelo texto. Esse fã apropria-se do texto de uma forma que um leitor passivo, um *Leitor Receptor*, não faria.

Não se trata simplesmente de produzir mais e mais interações de personagens e mundos existentes, ou melhor, não se trata só disso. Ele existe para fazer coisas com estes personagens e mundos existentes que seus criadores não conseguiram ou quiseram fazer. Ela existe para audaciosamente ir onde nenhum homem ou mulher jamais foi, pois, ah meu Deus, quem teria pensado nisso? (JAMISON, 2017, p. 12).

Uma das principais formas de transgressão do texto admirado, o texto-fonte, pelo fã é a produção de *fanfictions*, narrativas baseadas no objeto de admiração do sujeito que cria, conta e reconta histórias a partir de pontos de vistas não explorados na obra. Anne Jamison (2017) define a *fanfic* como um ato de transformar um subtítulo em texto, rompendo todo tipo de regras, tabus e fronteiras. O Leitor Receptor torna-se, então, *Leitor Produtor*.

O Leitor Produtor pode ser entendido como um leitor que interfere e atualiza o texto a partir de seu horizonte de expectativas, e não (só) que tem seu horizonte de expectativas atualizado pelo texto. Ele explora os vazios do texto indo além do próprio texto, criando interpretações que não necessariamente são confirmadas ou negadas pela obra; o objetivo desse leitor não é mais apenas concretizar o sentido do texto, mas desenvolver múltiplas leituras e possibilidades de interpretações que coexistem com o sentido construído e intencionado pelo texto. Sua manifestação dessa multiplicidade de leituras é a produção de fanfictions, que será explorada mais à frente no trabalho.

3 Identidade fragmentada e o sujeito pós-moderno

Se são os detalhes que inspiram o Leitor Produtor de *fanfictions* a explorar e/ou reinventar uma narrativa, o fator identitário é um dos principais motivadores para tal. Stuart Hall (2014) nos apresenta a ideia de identidades fragmentadas ao teorizar a identidade pós-moderna:

O sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas através de um 'eu' coerente (HALL, 2014, p. 11-12).

Em uma sociedade de modernidade tardia como a em que vivemos, os sujeitos são caracterizados por desigualdades, as quais são "atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes 'posições de sujeito' – isto é, identidades – para os indivíduos" (HALL, 2014, p. 14). O autor de *fanfictions*, ao não ver sua identidade – ou um fragmento dela – no texto que admira, questiona essa não representação e se apropria do texto de forma a se fazer representado naquele meio. De modo semelhante, também o leitor de *fanfictions* procura nessa produção uma forma de se ver representado.

A *fanfiction* transforma hipóteses que a cultura *mainstream* rotineiramente faz sobre gênero, sexualidade, desejo e em que grau queremos que elas se encaixem. Às vezes não se encaixar é exatamente a questão – há todo tipo de possibilidades que poderíamos querer imaginar ou considerar, até (especialmente?) nos casos em que preferências ou genitálias possam impedir nossa real participação (JAMISON, 2017, p. 33).

É importante destacar o caráter digital do Fandom. Foi só por causa da popularização da internet que o Fandom pôde tomar as dimensões e a liberdade que tem hoje.

A popularização do suporte técnico de rede, no início da década de 1990, criou um substrato diferenciado e relevante para a maior emergência dos *fandons* e sua saída do pano de fundo da cultura. Ao contrário, os fãs passaram a ter um papel cada vez mais ativo, visível e complexo na cultura contemporânea (RECUERO, 2015, p. 6).

Todo o processo de apropriação e produção por parte desse leitor acontece a partir dos vazios indicados por Iser em sua teoria. Esse leitor, motivado pela vontade de se ver representado em algo que admira, “[reclama] seus materiais para uso próprio, reelaborando-os como base para suas próprias criações culturais e interações sociais” (JENKINS, 2015, p. 37).

O potencial de comunicação de um texto literário, contudo, não pode ser deduzido de um paradigma, que entende a obra de arte como representação de valores socialmente dominantes. [...] A arte parcial contemporânea fez notar que já não se pode tomar a arte como a cópia representativa de tal totalidade, mas sim que *uma de suas funções centrais está em descobrir e talvez também equilibrar o déficit que os sistemas dominantes produzem* (ISER, 1996, p. 40, grifo meu).

O Leitor Produtor, ao observar o déficit representativo na obra objeto de admiração, passa a produzir e a compartilhar essa produção no fandom e assim, conscientemente ou não, questiona os motivos da existência desse déficit.

Em outras palavras, o Leitor Produtor, enquanto leitor real, deliberadamente fracassa no preenchimento dos vazios, interferindo e modificando seu papel estrutural no texto em prol de satisfazer projeções de cunho emocional, que são impossíveis de acontecer caso esse leitor siga fielmente o texto-fonte. Isso não quer dizer que o Leitor Produtor rejeite a projeção de sentido intencionada pelo texto. Ele na verdade cria novos sentidos derivados e modificados a partir desse texto para efetivar suas projeções não correspondidas pela obra, interpretações estas que existem simultaneamente ao sentido esperado pelo texto. Através da fanfic, o Leitor Produtor “[distorce, ajusta e mina] a fonte material da fanfiction e, neste processo, acrescenta camadas e dimensões de significado que o original nunca teve” (JAMISON, 2017, p. 12).

4 O Fandom e a Fanfic

Alguns pontos são cruciais para entender o Fandom. Sua relação com a internet e, por sua vez, com a cibercultura, expõe características importantes para visualizar e entender como o fandom acontece enquanto comunidade, mesmo que fandoms como conhecemos hoje já existissem antes do advento da internet. É preciso, então, esclarecer o que é a cibercultura e explorar três dos principais pontos históricos do fandom: Sherlock Holmes, Star Trek e Harry Potter, três importantíssimos fandoms que moldaram a interação entre fã, texto e outros fãs como a temos hoje.³

4.1 A Cibercultura

Pierre Levy publica em 1997 o livro *Cibercultura*⁴, em que explora a realidade e as possibilidades do mundo virtual e seu ciberespaço. Ao comentar sobre a cibercultura enquanto movimento social, estabelece três princípios básicos que caracterizam o ciberespaço e sua forma de evolução e crescimento: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

A interconexão é a constante conexão, sem barreiras ou limites, do meio virtual, que o define como um canal interativo aberto a qualquer um que tenha acesso a ele. É uma rede universal de comunicação e cruzamento entre diversos temas, tópicos e culturas.

Uma comunidade virtual, segundo Lévy,

[...] é construída sobre as afinidades de interesses, conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação e troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 1999, p. 127).

Apesar de parecerem frias para os que não fazem parte de uma, as comunidades virtuais carregam um forte cunho emocional por parte de seus integrantes. A motivação para fazer parte de uma é justamente a identificação não só com o objeto que uniu a comunidade, mas também com os outros participantes

³ Estes não são os únicos principais fandoms que influenciaram significativamente a comunidade fã, mas foi com eles que os mais importantes movimentos dos fandoms começaram. Esse, porém, não é o foco deste trabalho. Jamison também fala do fandom de Arquivo X (1993-2018), Buffy: a caça vampiros (1997-2003), Xena: A Princesa Guerreira (1995-2001) e Crepúsculo, e Jenkins traz, ainda A Bela e a Fera (1987-1990).

⁴ Foi publicado no Brasil em 1999, pela Editora 34.

dela. Ela não é apenas uma alternativa de interação social, mas também um complemento ou uma evolução das interações prévias às cibercomunidades. É, acima de tudo, uma nova forma de explorar a opinião pública e uma atualização da interação de grupos humanos.

Um grupo humano qualquer só se interessa em constituir-se como comunidade virtual para aproximar-se do ideal coletivo inteligente, mais imaginativo, mais capaz de aprender e de inventar do que um coletivo inteligentemente gerenciado. O ciberespaço talvez não seja mais do que o indispensável desvio técnico para atingir a inteligência coletiva (LÉVY, 1999, p. 130).

Praticada sobretudo online, a inteligência coletiva pode ser entendida como a finalidade última do ciberespaço. Seu caráter revolucionário ainda deixa pesquisadores da área confusos quanto à forma, à necessidade, às vantagens, aos limites e aos perigos que acompanham a inteligência coletiva e sua característica diversa, ilimitada e imprevisível.

O fandom, enquanto comunidade virtual que tem o ciberespaço como seu principal local de interação e concretização, existia já antes da cibercultura e viu nela uma forma de propagação e evolução — como, na verdade, aconteceu com inúmeros outros meios de interação social, inclusive com a arte.

O ciberespaço é um encontro, sem limites nítidos, de mundos e testemunhos artísticos, que admite múltiplas formas de interpretação de modo acolhedor, convidando o receptor — o explorador, o produtor, o pesquisador — à imersão ativa nas diversas manifestações artísticas disponíveis no ciberespaço. Dessa forma, o fandom não só tira proveito das possibilidades quase ilimitadas de consumo e produção enquanto comunidade, como também altera o conceito clássico de “obra”. Na cibercultura, o fã vê em toda produção (artística ou não) uma possibilidade de continuação e expansão; ele trabalha em conjunto com a obra, o autor (de forma indireta e unilateral) e toda a comunidade virtual do fandom ao qual pertence para efetivar tal possibilidade.

Uma das características mais constantes da ciberarte é a participação nas obras daqueles que as aprovam, interpretam, exploram ou lêem. Nesse caso, não se trata apenas de uma participação na construção de sentido, mas sim de uma co-produção da obra, já que o ‘espectador’ é chamado para intervir diretamente na atualização (a materialização, a exibição, a edição, o desenrolar efetivo aqui e agora) de uma sequência de signos ou acontecimentos (LÉVY, 199, p. 135-136).

O fandom, enquanto elemento da cibercultura e manifestação artística, é uma possibilidade do processo de interação humana e interação entre leitor e texto. Trata-se de uma manifestação e evolução artística que abre novas possibilidades para o que se entende como literatura — e/ou ciberliteratura — e as novas capacidades de interação entre texto, leitor e autor. “O texto dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colar-se pelas pontas e pelos fragmentos: transmuta-se em hipertexto, e os hipertextos conectam-se para formar o plano hipertextual indefinidamente aberto e móvel da Web” (LÉVY, 1999, p. 149).

4.2 Um pouco da história do Fandom

Em 1854 nasce Sherlock Holmes — na verdade, *Um estudo em vermelho*, primeira obra em que o personagem aparece, foi publicado em 1897. O personagem, que tinha até endereço residencial real, é tão famoso que quando o seu criador, Sir Arthur Conan Doyle, tentou matá-lo para se livrar do mártirio de ter criado um fenômeno, foi perseguido pelos fãs de Sherlock Holmes, revoltados e exigindo que ele reparasse seu erro, a trágica morte de Holmes em *O problema final* (1893). Foi assim que Sherlock Holmes voltou em *Os cães de Baskervilles* (1901-1902), uma aventura anterior à sua morte. A volta, porém, não foi o bastante para os fãs. Então Holmes volta à vida em *A casa vazia* (1903), explicando ao atordoado Watson que os acontecimentos de *O problema final* foram forjados, e que ele só havia fingido sua morte. A personalidade excêntrica e calculista de Holmes faz com que isso seja verossímil, e os fãs não aceitaram sua morte porque queriam conviver mais com a personagem.

Em 1893, pouco antes da publicação do conto em que Doyle mata seu protagonista, “a revista *Punch* publicou oito histórias e pastiches sob o título de “The Adventures of Picklock Holes’, inclusive uma escrita por um membro liberal do Parlamento” (JAMISON, 2017, p. 55). Eram comuns, na época, publicações descaradamente baseadas em Holmes e Watson, mas que pressionadas por direitos autorais, precisavam levar outro nome. Os fãs, maravilhados pelas façanhas de Holmes, escreviam para o autor fazendo perguntas, comentários, sugestões, e até enviavam histórias que eles mesmos criaram com os personagens do universo de Sherlock Holmes. Arthur Conan Doyle, que estava mais interessado em escrever seus romances históricos (e por isso tentou matar Holmes), incentivava esses leitores a seguirem em frente em suas produções.

Sherlock Holmes, além de ter definido as histórias de detetive como as temos hoje, inspirou um número absurdo de pastiches, continuações e adaptações — filmes, séries de TV, livros —, provavelmente, mais do que qualquer outra obra. Esse é um dos primeiros exemplos registrados, ainda na transição do séc. XVIII ao séc. XX, de interações intensas não só entre leitor e autor, mas principalmente entre leitor e *texto*. Os leitores se apegaram ao texto — aos personagens, ao universo, ao enredo — com tal intensidade que apenas ler e reler não era o bastante. Queriam ir além, queriam participar de forma mais ativa nesse universo, e então, no isolamento de suas salas de leitura (ou quartos? ou escritórios?) eles mesmos escreviam novas possibilidades de acontecimentos.

Hoje, com algumas diferenças singelas, chamamos isso de *fanfiction*.

O pastiche, apesar das semelhança com a fanfiction, não permite ao leitor muita liberdade. A fanfiction pode ser entendida como “uma escrita que continua, interrompe, reimagina ou apenas faz alusão a histórias e personagens que outras pessoas a escreveram” (JAMISON, 2017, p. 31). É um momento ilimitado de expressão, produção e interação entre leitor e texto, em que o leitor adequa a obra à sua própria realidade, modificando-a a seu bel prazer para criar novos sentidos a partir de suas próprias interpretações e vivências. Diferente dos pastiches, porém, esse não é um ato solitário. Mesmo com a particularidade da interpretação, toda a interação é compartilhada e discutida no meio digital, tornando a leitura do texto-fonte e a produção e leitura de fanfictions não mais um ato particular e individual, mas uma grande discussão sobre diversas possibilidades de sentido, feita de forma descoordenada, simultânea e ilimitada, hoje principalmente no meio virtual, em redes sociais.

Fãs, enquanto Leitores Produtores, ocupam uma posição marginalizada visto que, no papel de consumidores, não são considerados como os detentores do produto cultural foco de admiração. Pior ainda, esse produto costuma ter caráter comercial, e sendo o gosto uma forma de manutenção das distinções sociais, esses fãs são vistos como “incultos” e “subevoluídos” por não terem um gosto considerado apropriado pelas classes dominantes (JENKINS, 2012, p. 35). Enquanto consumidores, os fãs desafiam normas sociais ao produzir mais conteúdo pela simples vontade de produzir e compartilhar esse conteúdo com outros fãs. Como esclarecido por Jenkins,

O “mau gosto” não é apenas indesejável; é inaceitável. Dessa forma, os debates a respeito das opções estéticas ou das práticas interpretativas necessariamente possuem dimensão social importante e geralmente apoiam-se em categorias sociais ou psicológicas para embasar sua justificativa (JENKINS, 2012, p. 36).

Os fãs embaçam os limites entre “bom” e “mau” gosto ao dar muita atenção ao que é tido como “mau gosto”. É comum que fãs produzam análises minuciosas de séries televisivas — seja de um trecho ou da série inteira — procurando justificar uma teoria, hipótese, ou prevendo o que pode acontecer no futuro da história. Isso pode ser entendido como um desafio ao sistema educacional, já que não só os fãs se apropriam do direito de desenvolver interpretações e críticas, mas escolhem também um objeto de análise não aceito pelo meio acadêmico e usam estratégias de leitura não reconhecidas na academia.

Os fãs vão além: se permitem produzir um cânone pessoal independente do cânone social-cultural estabelecido pela academia. Compagnon, em *O Demônio da Teoria* (2010), tenta seguir uma linha de pensamento para definir o que é literatura. Em um primeiro momento, conclui que literatura é tudo o que é impresso; depois, afirma que o conceito de literatura varia constantemente, e que, pensando de forma mais restrita, a literatura são os grandes autores — esse é o entendimento que, em um primeiro momento, define o cânone cultural de uma sociedade, e que por isso deveria representá-la. Tentando expandir as restrições desta última definição, o autor diz que literatura é tudo produzido por escritores; o que define esses escritores, porém, não fica claro. O entendido como literatura, ainda dentro do sentido restrito, não inclui a produção popular, o que Compagnon admite ser excludente, pois nega o valor e direito de outras obras e gêneros literários, posto que “todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão” (COMPAGNON, 2010, p. 33).

A tradição literária é o sistema sincrônico dos textos literários, sistema sempre em movimento, recompondo-se à medida que surgem novas obras. Cada obra nova causa um rearranjo da tradição como totalidade (e modifica, ao mesmo tempo, o sentido e o valor de cada obra pertencente à tradição) (COMPAGNON, 2010, p. 34).

Tentar definir o que é literatura é na verdade listar um conjunto de características definidas a partir do uso que um grupo social faz do texto dentro de cada contexto histórico. O critério de valor de todo texto tem bases sociais, históricas, éticas e ideológicas, fazendo do julgamento algo particular de cada leitor.

O cânone, então, pode variar de leitor para leitor por diferenças pessoais e culturais de cada indivíduo. Se cada sujeito tem vivências diferentes, é fácil entender que ele também tem experiências e leituras diferentes; fechar o cânone como uma única possibilidade é ignorar a realidade diversa da sociedade e negar o claro desequilíbrio de acesso à cultura e informação.

Procurar um conceito fixo para literatura é negar diversas outras formas de produção escrita que influenciam, de forma variável e imprevisível, diferentes manifestações culturais. O que, a partir disso, nega que o leitor-produtor, ao produzir fanfictions, também produz literatura? A constante reescrita de velhas histórias, que inevitavelmente faz parte do que se entende por literatura, também se manifesta nas fanfictions, mas os meios, o público e a *forma* com que isso acontece não são bem vistos.

4.2.1 Star Trek

Star Trek: The Original Series estreou em 1966, e não demorou até que fosse percebido como uma série para todas as idades — o que incluía jovens adultas que, encantadas por aquele universo, passaram a se reunir para conversar sobre a série, os personagens e, principalmente, criar teorias sobre detalhes não imediatamente claros, como a cultura Vulcan e o passado e futuro dos personagens.

A série, porém, não conseguia dar todas as respostas que as fãs procuravam — mais do que apreciar a série, essas fãs queriam fazer parte daquele universo. A curiosidade levou esses grupos à prática; o que era especulado em pequenos grupos, geralmente no meio universitário, não demorou a se transformar em produções escritas. As *fanfictions* eram compartilhadas entre esses pequenos grupos de fãs, e eventualmente publicadas em fanzines auto-organizadas.

Fanfiction, que escritores amadores ainda produzem muito hoje em dia, tem várias formas, e provavelmente se você pensar em algum filme, livro, série de TV ou videogame, vai encontrar fanfictions sobre isso. Muitas pessoas escrevem fanfictions em que dois personagens não-romanticamente envolvidos ficam juntos. Algumas fanfictions contam novas histórias em séries episódicas, tipo criar um novo mistério para o universo de Sherlock Holmes. Outras fanfictions (apesar de que menos do que muita gente tende a assumir) são totalmente eróticas. Alguns escritores até escrevem fanfictions sobre pessoas reais (celebridades como atores e músicos). Existe tantos tipos de “fic” quanto há escritores delas (SMITH, 08/08/2018, tradução minha).⁵

⁵ Fanfiction, which amateur writers still produce widely today, takes many forms, and odds are if you can think of a movie, book, TV show or video game, you'll find fanfiction for it. Many people write

A vontade de estar naquele universo se manifestava de várias formas através da fanfic: as fãs escreviam pelo ponto de vista de seus personagens favoritos, colocavam os personagens em situações (sociais ou emocionais) semelhantes às suas, se colocavam como personagem e parte da tripulação da Enterprise e/ou criavam cenários e situações que as divertiam. Fanfics são os fãs respondendo a uma pergunta que fazem a si mesmos: E se? E se eu fizesse parte da tripulação da Enterprise? E se Uhura fosse a Capitã da Enterprise? E se o Capitão Kirk e o senhor Spock fossem desesperadamente apaixonados um pelo outro? Não havia, e ainda não há, limites do que é possível em fanfictions.

Toda fanfic surge de um “E se?”. A Spockinalia, uma das mais famosas fanzines de Star Trek, começou a ser publicada já em 1969, repleta de tímidos “E se’s?” dos fãs. Temáticas como feminismo, relacionamentos homoafetivos e identidades não-heteronormativas demoraram um pouco mais para surgir, já que na época eram considerados tabus, mas em 1969 já havia publicações falando dos temas. As histórias eram recolhidas e distribuídas pelos editores das Fanzines que tinham contato com o pequeno mas sempre crescente grupos de fãs espalhados pelos Estados Unidos⁶.

O contato entre esses fãs acontecia principalmente por cartas e encontros de ficção científica. A vontade de falar sobre a série fez com que criassem uma rede de contatos extensa (para a época), e quando a internet passou a ser mais acessível⁷, diversas listas de e-mails eram enviadas constantemente, seja com fanfics ou convites para encontros. A lista de contatos e o número de fanzines publicados regularmente crescia sem parar.

Então, com medo de perder uma zine, eu circulei uma planilha de assinatura por correio, pedindo aos editores que listassem os zines que eles conhecessem e que não estavam listados na planilha, para mandá-la para

fanfiction in which two non-romantically involved characters get together. Some fanfiction tells new stories in episodic serials, like adding a mystery to the Sherlock Holmes universe. Other fanfiction (though not as much as people tend to assume) functions only as straight-up erotica. Some writers even pen fanfiction about real people (celebrities like actors and musicians). There are as many types of “fic” as there are writers of it (SMITH, 08/08/2018).

⁶ Me refiro especificamente aos EUA aqui, visto que os dados encontrados se referem a este país. O registro de outros países é de difícil acesso, normalmente sendo restringido a relatos e cartas.

⁷ O acessível, aqui, se referia a pessoas que tinham acesso a computadores e e-mails dentro de universidades ou instituições governamentais. À medida que a internet se tornava mais acessível à comunidade, essa acessibilidade às fanfics também se expandia.

alguém que não estivesse nela e pedisse que acrescentassem o que soubessem (LICHTENBERG, 2017, p. 104).

O fandom foi, desde sempre, uma porta de escape para comunidades marginalizadas e oprimidas. Os estereótipos superficiais, fúteis ou negativos dados a mulheres e LGBTQ+ pela mídia eram combatidos, na medida do possível, no contexto social de cada época, com produções questionadoras que subvertiam a visão depreciativa imposta à sociedade pela mídia. Fanfictions ainda são uma das formas de curar feridas causadas por uma cultura agressivamente excludente. Boa parte dos fãs na década de 1970 eram mulheres, mas isso mal era registrado por causa da exclusão social feminina da época; foi no fandom que elas viram uma oportunidade não só de produzir e se expressar, mas também de se unir.

O fandom de Harry Potter, a ser comentado no próximo tópico, prosseguiu com a cultura do fandom tal como estabelecida pelo fandom de Star Trek e a expandiu, dessa vez com público e tecnologias diferenciadas.

4.2.2 Harry Potter

Harry Potter e a Pedra Filosofal foi lançado pela editora Bloomsbury em 26 de junho de 1997. Apesar das mais de dez editoras que recusaram a obra, J.K. Rowling não demorou a se tornar uma autora renomada na Europa. A série de 7 livros, finalizada em 2007, foi traduzida para 65 idiomas e teve uma série de 8 filmes entre 2001 e 2012. Revolucionou não só o mundo literário — na época do lançamento, ninguém acreditava que um livro infantil com mais de duzentas páginas e com um título tão longo faria sucesso, e o gênero infanto-juvenil não era levado a sério — mas também a identidade dos fãs e a forma de interação com a série.

O fandom de Star Trek era composto principalmente por jovens adultos, e eram eles que interagiam, produziam e compartilhavam o que era produzido por fãs. Harry Potter, porém, fez sucesso em uma época que a internet, apesar de ainda muito limitada, era de mais fácil acesso entre o seu público alvo, crianças e adolescentes, que não demoraram a interagir na rede. Foi Harry Potter o responsável por uma comunidade de fãs realmente global — qualquer um podia interagir, qualquer um podia participar, desde que tivesse acesso à internet. Com o passar dos anos, isso só se confirmou e se intensificou.

Crianças de 9 a 14 anos *queriam* ler livros que tinham de 200 a 700 páginas, e as redes de ensino tentaram se aproveitar disso. Os livros podiam ser encontrados

em quase qualquer biblioteca e livraria, foram usados para atrair crianças e adolescentes ao mundo da leitura, e foram a inspiração para muitos jovens começarem a produzir conteúdo de forma independente e criativa.

Jenkins traz um bom exemplo disso em *A Cultura da Convergência* (2009), ao comentar sobre como Heather Lawyer, uma menina de 13 anos, criou o *The Daily Prophet*, um jornal escolar online baseado no universo de Harry Potter. Heather era a editora-chefe do site, administrando o conteúdo e a publicação de colunas escritas por outras crianças de sua idade, que produziam matérias jornalísticas sobre o mundo bruxo — fofocas, furos de reportagem, jogos de quadribol, culinária trouxa etc. Todo o processo era monitorado por Heather, que chegava a conversar com os colunistas sobre questões relativas ao conteúdo, formato e ortografia dos textos. Os custos de hospedagem do site eram pagos pela mesada de Heather e, eventualmente, por contribuições enviadas pelos participantes e leitores do site.

The Daily Prophet, então, era um jornal online com uma equipe de crianças de vários lugares do mundo, administrado por uma garota de treze anos sem a supervisão de adultos, que tinha desde o início princípios pedagógicos e se preocupava em criar materiais adequados para o público alvo.

O Daily Prophet é uma organização dedicada a dar vida ao mundo da literatura... a criação de um “jornal” on-line, com artigos que levam os leitores a acreditar que o mundo fantástico de *Harry Potter* é real, faz com que a mente se abra para explorar livros, mergulhar nos personagens e analisar a grande literatura. O desenvolvimento, em tenra idade, da capacidade mental de analisar a palavra escrita faz com que crianças tomem um gosto pela leitura diferente de todos os outros. Ao criarmos este mundo de mentirinha, estamos aprendendo, criando e nos divertindo numa amigável sociedade utópica (Heather Lawyer *apud* Jenkins 2009).

O projeto dava às crianças a oportunidade de se imaginarem no universo de Harry Potter, criando personas e interagindo não só entre si, mas também com os personagens do universo bruxo. Era (e ainda é) comum que esses jovens fãs tentem compensar problemas pessoais do mundo real ao se inserir nesse mundo de fantasia. “As crianças usam história para fugir de certos aspectos de sua vida real, ou para reafirmá-los” (JENKINS, 2009, p. 246), se aproveitando dos inúmeros detalhes do universo de Harry Potter.

Foi aproveitando as aberturas da série e a expansão do mundo cibernético que muitas fãs esforçaram-se para tornar a comunidade virtual de Harry Potter mais inclusiva ao imaginar personagens com identidades (de raça, etnia, gênero ou

sexualidade) que não se encaixavam confortavelmente no quadro de informações dos livros. Esses fãs, por exemplo, imaginavam James Potter, pai do protagonista da série, como descendente de indianos e praticante da cultura indiana — nada, nos livros de Harry Potter, confirma ou nega a possibilidade disso. Outro forte exemplo disso é a famosa interpretação de que Hermione Granger, uma das melhores amigas de Harry, é uma menina negra, já que não há descrição da cor da pele da personagem. As ideias ficaram famosas no fandom de Harry Potter e diversos fãs passaram a produzir materiais a partir dessas interpretações.

Outra característica importante do fandom, que se manifestou de forma mais intensa a partir do fandom de Harry Potter, é a cooperação entre “veteranos” e “iniciantes”. Havia uma preocupação em receber bem e instruir novos fãs quanto a ao funcionamento do fandom e como participar, tendo em mente o desenvolvimento e conservação de um ambiente seguro, saudável e aberto a todos. A iniciativa de Heather, de conversar com os outros fãs e dialogar sobre detalhes e possíveis melhorias no que produziam, ainda hoje é parte importante do fandom. Os principais blogs e sites voltados ao fandom têm sessões inteiras para tirar dúvidas e/ou explicar como participar, com linguagem acessível e didática, incentivando não só a participação do sujeito, mas também o auto-aprendizado e os meios de acesso ao conhecimento.

Apesar da importância do fenômeno de Star Trek para o universo dos fãs, foi Harry Potter que chamou a atenção do mundo. Ninguém imaginou, no início dos anos 2000, a dimensão a que chegaria a série e seus fãs, e a influência disso tudo não só no mundo dos fãs, mas no contexto social, intelectual e cultural da sociedade pós-moderna do século XXI — os jovens adultos que cresceram com Harry Potter são hoje produtores de conteúdo com relativa influência em seus meios.

4.3 (Re)Interpretações e transformações

Muito da discussão proposta por Jenkins sobre como se dá a vivência do fã se baseia nos escritos do pensador Michel De Certeau sobre a leitura. De Certeau descreve os leitores como “viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los” (De Certeau, 1998, p. 269-70). O leitor, então, se apropria durante a leitura do que acha útil, absorve essa informação e a torna sua de uma

forma pessoal e única, adequando-a e interpretando-a a partir de seu próprio horizonte de expectativas.

Essa definição é particularmente interessante por definir uma leitura cotidiana. Não há compromisso, necessidade ou objetivo nessa leitura, já que ela é voltada ao lazer do dia-a-dia comum de um sujeito que não está interessado necessariamente no que o livro tem a dizer para ele, mas no quão prazerosa a leitura pode ser.

O leitor descrito por De Certeau⁸ se caracteriza como um Leitor Receptor, citado anteriormente neste trabalho; é um sujeito que toma posse de algo, no caso o sentido que concretizou a partir do texto, e aceita-o como o encontrou. Esse leitor procura preencher os vazios do texto como lhe é indicado, e vê qualquer modificação de sua parte no texto como indevida e inválida, tendo a intenção do autor como objetivo de sentido final. O fracasso no preenchimento dos vazios por uma imposição sua no texto não é uma possibilidade para esse leitor. Sua única autonomia quanto a concretização de sentido é o seu próprio horizonte de expectativas, que por ser diferente daquela do autor, inevitavelmente o faz concretizar um sentido único e particular.

Jenkins, revisando os temas apresentados por De Certeau, discorda da separação que o segundo faz entre “escritor” e “leitor”, principalmente porque o fã, enquanto Leitor Produtor, embaça a linha que divide o escritor do leitor. O Leitor Produtor, enquanto leitor nômade, seleciona as informações que o interessam e as molda e reorganiza da forma que preferir.

Apesar dessa diferença, a definição de leitor como nômade feita por De Certeau é crucial para definir o fã, principalmente pela forma com que ele descreve a leitura e o leitor:

Com efeito, a leitura não tem lugar. [...] O mesmo se dá com seu leitor: seu lugar não é *aqui* ou *lá*, um ou outro, mas nem um nem outro, simultaneamente dentro e fora, perdendo tanto um como o outro misturando-os, associando textos adormecidos mas que ele desperta e habita, não sendo nunca seu proprietário (De Certeau, 1998, p. 270).

O fã, enquanto leitor de múltiplos textos, participa de múltiplos fandoms simultaneamente, e não só reaproveita em um o que adquiriu em outro, mas também constrói conexões intertextuais entre essa ampla gama de textos. Esse é

⁸ De Certeau não nomeia o leitor que descreve, mas como ele se enquadra no que este trabalho entende por Leitor Receptor, a informação foi posta assim.

um processo comum no universo literário, mas o fã encontra meios muito mais diretos e literais de fazê-lo. Algumas das formas com que isso se dá são exploradas por Jenkins quando o autor tenta descrever como o fã reinterpreta e reescreve o texto alvo de apreciação, o texto-fonte. Ele descreve, assim, dez estratégias usadas pelo fã — ou Leitor Produtor — para se apropriar e remanejar o texto-fonte.

- Recontextualização: é o preenchimento de certas lacunas do texto, em que os fãs tentam explicar a origem, motivação ou justificativa de tal lacuna.

É uma forma de explorar o não-dito e justificar o dito e o negado sem fugir ou negar o sentido pretendido do texto-fonte, mas ainda assim impondo o próprio horizonte de expectativas do leitor. Pode ser entendido como uma forma de equilibrar o sentido que o texto quis que o leitor concretizasse e o sentido que o leitor quis que o texto projetasse;

- Dilatar a linha temporal: é o desenvolvimento de dicas ou sugestões relativas a personagens ou situações não exploradas no texto-fonte.

Pode ser entendido como uma forma mais extensa e livre de Recontextualização, em que o leitor desenvolve uma narrativa antecedente, posterior ou simultânea ao texto-fonte a partir dos vazios deixados por ele, explorando uma linha temporal apenas citada pelo texto-fonte, explorando informações superficiais dadas sobre outros personagens e/ou situações. É uma forma de justificar e fundamentar acontecimentos e situações do texto-fonte, geralmente acompanhado de um compromisso com o realismo emocional para com ele, que se adequa e reafirma o universo do texto-fonte enquanto adiciona sentidos esperados e/ou especulados pelo leitor;

- Refocalização: é uma mudança de foco da narrativa, alternando a figura central ou narradora da história.

Os fãs exploram os mesmos acontecimentos do texto-fonte por um ponto de vista diferente — de um personagem secundário, por exemplo. É uma forma de, ainda fiéis ao texto-fonte, recuperar experiências não exploradas por estarem à margem da narrativa. Como seriam os mistérios de Sherlock Holmes pelo ponto de vista de Mary Mortsmán, esposa de Watson? É comum aproveitar-se de personagens de alguma forma sistematicamente oprimidos — como mulheres — para adicionar à narrativa críticas sociais ou análises psicológicas/emocionais não

presentes no texto-fonte e demonstrar uma competência não explorada no texto-fonte;

- **Realinhamento moral:** é um questionamento do universo moral do texto-fonte através da inversão da moralidade de personagens-chave.

Nesse caso, vilão e mocinho trocariam de papel, e a narrativa exploraria como essa mudança aconteceria a partir da personalidade de cada personagem e de todo o universo do texto-fonte. É também uma forma de analisar aspectos particulares de moral e ética não explorados pelo texto-fonte, questionando as consequências e possibilidades de resposta a situações-chaves da história e embaçando as fronteiras entre bem e mal.

Jenkins comenta que nessa estratégia também se desenvolvem os acontecimentos do texto-fonte a partir do ponto de vista de vilões. Nesse ponto, discordo do autor, já que essa possibilidade se encaixa melhor na estratégia de Refocalização do que na de Realinhamento Moral;

- **Variação de gênero:** é uma forma de explorar possibilidades de leitura ao mudar o gênero textual da narrativa.

Aproveitando-se, por exemplo, de que há um casal romântico no texto-fonte, o Leitor Produtor desenvolve uma narrativa em volta desse relacionamento e não mais em volta da trama. A alteração pode ser, por exemplo, de Ficção Científica para Romance, ou de Romance Policial para Fantasia. Essa estratégia brinca com as organizações estruturais do texto-fonte, remodelando a trama e os elementos narrativos da história para encaixá-los em situações alternativas e, assim, explorar uma nova possibilidade a partir do texto-fonte;

- **Crossovers:** é a quebra da fronteira entre textos, levando a narrativa e/ou seus personagens a outros universos textuais.

Também pode ser entendido como a união de textos, em que aspectos de um texto são adequados e equilibrados aos aspectos de outro texto, construindo uma terceira narrativa a partir das outras duas. Essa estratégia não exige uma ligação prévia entre os textos e tem um forte caráter multimidiático. Nesse caso, um Leitor Produtor poderia desenvolver uma narrativa em que os personagens de Star Wars são bruxos no universo de Harry Potter, e a partir dessa premissa o fã precisa equilibrar os dois universos para criar uma narrativa harmoniosa unindo elementos específicos dos dois universos;

- Deslocamento de personagem: é uma alteração drástica das imagens projetadas pelo texto, em que a identidade de personagens é alterada e recontextualizada;

Jenkins considera essa uma das estratégias mais radicais do fandom. Aqui, o fã muda diversos aspectos particulares do(s) personagem(s), remodelando-o(s) de forma muito diferente do apresentado pelo texto-fonte, ou adequando-o ao contexto sócio-histórico da fanfiction. Nesse caso, se o fã imagina que Harry foi criado pela família de Hermione Granger, e não mais pelos Dursley, seus tios, ele precisa adequar a personalidade de Harry a uma realidade em que ele foi criado como irmão de Hermione e não no ambiente abusivo dos Dursley;

- Personalização: é uma tentativa de auto-inserção dentro da narrativa, negando o espaço que separa leitor e texto-fonte.

O Leitor Produtor se coloca dentro do universo da narrativa ou traz a narrativa para o seu universo, mesclando elementos, situações e questionamentos. Essa estratégia tem um forte teor emocional por parte do fã. Pode ser entendida como uma forma de validação identitária e fuga, em que o personagem busca conforto emocional ao se inserir naquele universo. É também uma forma de brincar com possibilidades de interação entre mundo ficcional e mundo real ao, por exemplo, imaginar a reação de Harry ao descobrir que uma mulher escreveu um série de 7 livros sobre ele, e que essa série faz muito sucesso no mundo não-bruxo;

- Reforço emocional: é a exploração de lacunas de cunho emocional da narrativa, em que feridas físicas, emocionais e psicológicas são exploradas.

Os fãs, aqui, tendem a explorar consequências subjetivas de situações trágicas e/ou extremas, explorando momentos de crise e seu impacto nos personagens. É um dos meios mais comuns de reflexão quanto ao modo como os personagens (e a narrativa) são afetados por questões sociais (como raça, gênero e sexualidade) não explicitadas ou destacadas na narrativa, seja como um todo ou quanto a uma cena em específico.

É também uma das estratégias mais comuns para explorar as relações entre personagens. O Leitor Produtor pode escrever, por exemplo, sobre como os Weasley se consolaram após a morte de Fred, e como a rotina de cada um foi afetada pela perda. É comum aqui a subversão de estereótipos patriarcais, explorando situações de sensibilidade e vulnerabilidade masculina e cenários de fraqueza e reabilitação.

- Erotização: é a expressão da sexualidade dos personagens dentro da narrativa.

É a exploração de características eróticas dos personagens, em que, mais do que apenas situações sexuais, é uma forma de explorar identidades oprimidas. Essa é uma estratégia muito usada no desenvolvimento identitário do fã, que explora interesses tidos como tabus pela sociedade ao colocar personagens fictícios em experiências com que se identifica e/ou são negadas.

Sempre foi muito comum que o fandom imaginasse um personagem como gay como uma forma de auto-inserção identitária naquele universo. Imaginar que a obsessão de Harry com Draco, em *Harry Potter e o Príncipe Mestiço* (2005), era na verdade um interesse romântico e sexual mal interpretado é uma possibilidade de explorar uma identidade homossexual oprimida pelo contexto social do Leitor Produtor. É também mais uma maneira de explorar a identidade e relação de personagens.

As dez formas de reinterpretação sugeridas por Jenkins, é claro, não são as únicas manifestações do Leitor Produtor e não necessariamente acontecem isoladas, mas exemplificam bem como o Leitor Produtor interage e se inspira com o texto-fonte. É comum que o Leitor Produtor gere um material em que essas estratégias se cruzam, de forma consciente ou não. Estes são pontos de destaque na forma de análise, crítica e produção do fandom.

O Leitor Produtor apresenta seus questionamentos, principalmente, na análise e reflexões de possibilidades sobre um personagem, e não necessariamente no universo da história. É transformando a posição do personagem na narrativa que o Leitor Produtor evidencia problemas sociais presentes em seu próprio contexto particular e/ou no contexto do texto-fonte, e critica a presença ou não de tal contexto no texto-fonte. Todo esse processo é feito de forma comunitária em grupos de discussão, em que os fãs podem não só apresentar suas próprias análises, mas também expor outras interpretações que coexistem não só com o texto-fonte, mas também com as interpretações de outros fãs.

5 Sobre Fanfiction

A fanfic é uma forma de expressão do sujeito. É através dela que o fã explora não só os “E se’s?” que cria experienciando a série, mas também sua própria opinião quanto ao que lê e escreve. As constantes leituras e conversas dentro do fandom levam o fã a se questionar sobre o tópico. O que ele acha de um tema revela muito sobre a sua própria identidade, consciente ou inconscientemente, por causa dos estranhamentos que pode encontrar. Um forte exemplo, presente desde Star Trek, são as fanfics com relacionamentos homossexuais. É se deparando com uma possibilidade não-normativa como essa que o fã vê a chance de se questionar sobre o quanto estranha o subgênero, hoje extremamente popular em praticamente todos os fandoms, e o quanto *se identifica* com o material.

A fanfic é uma forma de expressão justamente porque leva ao questionamento particular, apesar do caráter comunitário do fandom, de uma identidade individual. E por meio da leitura e da produção de fanfics que fogem da heteronormatividade mandatária da nossa sociedade que o fã vê a chance de questionar, explorar e descobrir aspectos particulares da própria identidade; ele tem a oportunidade de desenvolver algo individual como a própria identidade em um meio comunitário em que, consciente ou não disso, todos os membros fazem o mesmo. O fandom, além disso, tem cada vez mais um caráter político. A liberdade de expressão identitária adquirida nos últimos anos e os questionamentos que isso causa nos fãs os levam a tomar posições sociais e políticas públicas, na medida do que sua vida pessoal o permite, e a engajar diversas formas de ativismo.

É complicado falar sobre esse universo porque além de estar em constante e acelerada transformação, como o mundo digital em si, ele é um conjunto aleatório, disforme e heterogêneo de comunidades. Fandoms nascem e “adormecem” a cada dia, inúmeras comunidades atuam ao mesmo tempo e dificilmente alguém pertence a um único fandom. O contato, a produção e a participação do fã, de forma geral, é algo imprevisível e impossível de ser registrado na íntegra; todo registro, recordação ou comentário, então, é só um dos incontáveis pontos de vista existentes. O fandom, como a leitura e a identidade, é uma experiência única, imprevisível e diferente para cada sujeito.

[...] as comunidades que crescem ao redor de livros, filmes e séries de televisão. Dentro destas comunidades, vimos outras comunidades menores se juntando ao redor de certos relacionamentos sexuais entre personagens — ou o desejo de não ver relações sexuais. As comunidades de fãs se organizam de outras formas, também. Há comunidades que se unem ao redor das identidades da vida real (gênero, sexual, étnico) e geografia. Há comunidades que crescem ao redor de gostos e perversões específicos. Existem comunidades que surgem como oposição a outras comunidades (JAMISON, 2013, p. 294).

Exatamente como na interação texto-leitor, em que o sentido concretizado pelo leitor é a interpretação dele a partir dos elementos disponibilizados pelo texto, o que inclui seus vazios, a fanfiction é uma das formas do leitor, neste caso *Leitor Produtor*, produzir não apenas mais uma peça de literatura, mas também exercer o papel de crítico ao compartilhar ideias *transformativas* em comparação ao texto-fonte. *Transformar* personagens em LGBTQ+, por exemplo, e produzir um conteúdo retratando essa possibilidade, envolve: 1) analisar e interpretar o personagem a partir do texto-fonte; 2) questionar e criticar o conteúdo analisado; 3) criar uma nova interpretação a partir do texto-fonte, dessa vez ligada a uma realidade social que pode não fazer parte da realidade social do texto-fonte, e desenvolvê-la em um produção escrita; 4) questionar, analisar e interpretar a própria produção considerando o texto-fonte, a interpretação particular feita do texto-fonte, o que se propôs a criar e desenvolver na fanfiction e o que de fato foi criado e desenvolvido na fanfiction.

O Leitor Produtor, enquanto leitor que se tornou autor justamente por ser um leitor, está em constante análise do que lê e produz justamente por ser *leitor* e *produtor* de materiais indissociáveis. A comparação entre a fanfiction e o texto-fonte é algo inevitável para os integrantes do fandom, mesmo entre aqueles que não participam ou produzem ativamente.

Leitores Produtores mais detalhistas, que se apegam a aspectos sociais, históricos e particulares (de objetos, personagens menores ou cenas peculiares) costumam ser os mais críticos em relação ao que escrever. Em uma fanfic de Harry Potter que tem como foco a varinha, por exemplo, o Leitor Produtor precisa estar atento à relação entre bruxo e varinha exposto no texto-fonte e considerá-la em um âmbito mais privado e particular. Consciente de que em Harry Potter a varinha escolhe o bruxo e que varinhas tem algo como uma personalidade, esse Leitor Produtor pode ter como foco, por exemplo, um elo emocional existente entre bruxo e varinha e como a personalidade do bruxo e da varinha interagiriam e convergiriam.

Isso também cobra que o Leitor Produtor considere aspectos sociais e históricos do mundo bruxo e do personagem-protagonista de sua fanfic e como esse personagem se relaciona com o mundo exterior ao seu.

Participar de um fandom é constantemente desmembrar e analisar detalhes do texto-fonte, podendo chegar ao ponto de ignorar o estabelecido pelo texto-fonte e *ir além*. É levar o texto-fonte para além de suas manifestações textuais, expandindo-o como se ele fosse uma possibilidade concreta de realidade. Esse grupo de Leitores Produtores, assim, coopera com a expansão do universo do texto-fonte sem necessariamente reivindicar autoria sobre ele. Sua única reivindicação é a liberdade de produzir e consumir o que é produzido pelo fandom, adequando esse material a um formato e características com que se identifica mais.

Apesar de não ser algo novo, foi só no final dos anos 2000 que as fanfics começaram a chamar atenção enquanto formas de expressões identitárias, principalmente no que diz respeito à quebra da heteronormatividade compulsória. Ou seja, ao não verem uma parte de sua própria identidade inserida na história, os Leitores Produtores ignoram o imposto pelo texto-fonte e modificam o universo para se inserirem ali, seja de forma literal, criando personagens que os representam, ou modificando personagens já existentes no texto-fonte para que passem a representá-los.

Recriar ou remodelar o universo de seu objeto de adoração é resistir à ideia de que só há uma versão ou uma possibilidade. A fanfiction, enquanto forma de interação cultural e literária, influencia a forma com que o sujeito vê a si mesmo e ao mundo, como qualquer outra forma artística já o faz.

6 O produto do Leitor Produtor

Para ilustrar melhor como o processo criativo do Leitor Produtor se dá, faço neste capítulo uma análise de três fanfics de Harry Potter, não só pela importância do fandom na interação entre fã e texto-fonte, mas também pela minha afinidade com a série. É através desta análise que pretendo mostrar como a prática do Leitor Produtor se dá e possíveis leituras e interpretações feitas por ele no processo criativo de produção da fanfic.

Despedidas, escrita por uma fã brasileira, aproveita uma lacuna do texto-fonte que foi indicada, mas não explorada. É comum que cenas do passado sejam citadas, e é apoiado nisso que a fanfic, uma coleção de pequenos trechos independentes, expande e desenvolve essas lacunas a partir de como ela, enquanto leitora e então Leitora-Produtora, acredita que tal cena pode ter acontecido.

A boy with a scar é uma fanfic publicada em inglês, a primeira de uma série de fanfics que se apoia em “E se’s?” apresentados pelo texto ou não. A série lida com um conceito simples: e se o herói fosse outro personagem? O que mudaria e o que deixaria de mudar? A ideia, que olhada de longe parece simples, explora diversas possibilidades e diversos personagens, tendo como ponto de partida algo sugerido abertamente pelo texto-fonte.

A última fanfic analisada é *Inominável*, uma fanfic que explora de forma mais clara questões particulares de identidade a partir de um casal romântico popular no fandom de Harry Potter. A discussão sobre sexualidade, tão comum no fandom, é apresentada de forma simples e clara — a simplicidade é um importante aspecto do fandom, que busca resolver, e não complicar, conflitos cotidianos da vida.

6.1 Despedidas — Contando o que não foi narrado

*Despedidas*⁹ é uma fanfic de um único capítulo, também chamada de *oneshot*, publicada em três de janeiro de 2011 pela usuária Souhait. A fanfic é composta por pequenos trechos independentes entre si, inspirados em frases da série, pequenos desenvolvimentos que Souhait escreveu imaginando o que a mais aquela frase poderia significar, buscando justificar e ir além do estabelecido pelo texto-fonte, recontextualizando e desenvolvendo vários vazios encontrados ali.

⁹ Disponível em: <https://www.fanfiction.net/s/6620465/1/Despedidas>

O trecho que analiso tem como ponto de partida a relação entre James e Sirius¹⁰, uma amizade muito explorada pelo fandom. As poucas informações disponibilizadas por Rowling instiga os fãs a quererem mais; a vontade de explorar personagens tão importantes para o enredo da série e ainda assim com tão pouca participação e um passado apenas comentado, fez deles — o grupo de amigos, James Potter, Sirius Black, Remus Lupin e Peter Pettigrew — um dos tópicos mais famosos entre o fandom. O fim trágico dos personagens, então, só aumentou o interesse dos fãs.

— Você diz que se lembra dele em Hogwarts, Rosmerta — murmurou a Profª Minerva. — Você se lembra de quem era o melhor amigo dele?

— Claro — disse Madame Rosmerta, com uma risadinha. — Nunca se via um sem o outro, não é mesmo? O número de vezes que os dois estiveram aqui, aah, me faziam rir o tempo todo. Uma dupla incrível, Sirius Black e Tiago Potter.

Harry deixou cair a caneca com estrépito. Rony deu-lhe um pontapé.

— Exatamente — disse a Profª Minerva. — Black e Potter. Líderes de uma turminha. Os dois muito inteligentes, é claro, na verdade excepcionalmente inteligentes. [...]

— Pensar-se-ia que Black e Potter eram irmãos! — o Prof. Flitwick entrou na conversa. — Inseparáveis!

— Claro que eram — comentou Fudge. — Potter confiava mais em Black do que em qualquer outro amigo. Nada mudou quando os dois terminaram a escola. Black foi o padrinho quando Tiago se casou com Lílian. Depois, eles o escolheram para padrinho de Harry [...] (ROWLING, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, 2000, p. 153).

O penúltimo trecho da fanfic foi escrito a partir da frase “Se passaram catorze anos, e não se passa um dia sem que eu sinta falta de seu pai”, dita por Sírius a Harry no quinto filme da série, *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007), quando Sirius comentava sobre ter cortado as relações com sua família e fugido de casa aos 16 anos. Os pais de James o acolheram, entendendo o conflito que Sirius tinha com a família, e isso reforçou a amizade entre Sirius e James.

— Você fugiu de casa?

— Quando tinha uns dezesseis anos. Já estava cheio.

— Aonde você foi? — Perguntou Harry, mirando o padrinho.

— Para a casa do seu pai — respondeu Sirius; — Seus avós foram muito compreensivos; meio que me adotaram como um segundo filho. É, eu acampava na casa do seu pai durante as férias escolares, e quando fiz dezessete anos montei casa própria. Meu tio Alfardo me deixara um bom dinheiro, ele também foi removido da tapeçaria, provavelmente por essa razão, em todo caso, a partir daí cuidei de mim mesmo. Mas eu era sempre bem-vindo na casa dos Potter para o almoço de domingo.

— Mas... por que você...?

¹⁰ James é o pai de Harry, e Sirius é o melhor amigo de James e padrinho de Harry.

— Saí de casa? Sirius sorriu com amargura e passou os dedos pelos longos cabelos maltratados — Porque odiava todos eles: meus pais, com a mania de sangue puro, convencidos de que ser um Black tornava a pessoa praticamente régia... meu irmão idiota, frouxo suficiente para acreditar neles... olhe ele aí. [...]

— Mas ele morreu — disse Harry.

— Morreu. Um idiota... juntou-se aos Comensais da Morte (ROWLING, Harry Potter e a Ordem da Fênix, 2003, p. 94)

Souhait se apoiou nessa lacuna deixada pelo texto, nas diversas possibilidades de como isso poderia ter acontecido, e escreveu uma cena do acontecimento que mostrasse o quão intensa era a amizade entre Sirius e James. Apesar de Rowling dizer *o que* aconteceu, não diz *como*. Ela deixa, então, um vazio facilmente preenchível e que, por ser um vazio, instiga o fã a saber exatamente como Sirius foi recepcionado por James.

“A gente se acostuma a se separar das coisas. A família é só uma delas” disse, fechando a porta. O barulho foi amortecido pelos travesseiros mal arrumados “Você só fez antes, Padfoot”

[...]

“Está errado, Prongs” disse, baixo, sem a intenção de acordá-lo “Tem algumas coisas com as quais eu nunca vou poder romper”

Pensou nele primeiro. E por último. E, por catorze anos, não foi capaz de se desfazer dele (Souhait, Despedidas, 2011).

A autora também se aproveitou da informação vaga dada sobre o irmão de Sirius, Regulus. Pouco se fala sobre ele no decorrer da série, e nunca houve uma referência sobre como era a relação entre os dois. O fandom — não Souhait isolada enquanto leitora e escritora — tirou proveito dessa lacuna e desenvolveu uma teoria de que Sirius tentava ser próximo do irmão e impedir que ele seguisse a vocação da família; as tentativas, porém, se mostraram inúteis. A quebra definitiva dessa relação como motivo para a fuga de Sirius não é algo afirmado ou negado pelo texto-fonte, e não há na série indicativos (ou negações) de como era a relação entre eles. O vínculo emocional que esses leitores-fãs desenvolvem com os personagens intensifica o impacto que a fanfic tem em seus leitores, algo comum no meio.

“Rompeu de vez?”

Sirius deu os ombros, mas percebeu que queria falar.

“Perdi Regulus” porque o irmão, e a possibilidade de rompimento com o sobrenome que ele via nele eram as únicas coisas que o forçavam a ficar em Grimmauld “Desisti, Prongs” (Souhait, Despedidas, 2011).

Esse é um bom exemplo da característica emotiva e intermediária dos fandoms. Souhait se baseou em fatos pouco desenvolvidos pelos livros — a

amizade entre James e Sirius e a fuga de Sirius para a casa dos Potter quando tinha 16 anos — para explorar uma frase dita nos filmes e que não existe nos livros. Esse é também um bom exemplo das estratégias de Dilatação da linha temporal, trazidas por Jenkins, em que o Leitor Produtor/fã preenche uma lacuna do texto visando explorar situações apenas citadas pelo texto-fonte, desenvolvendo personagens e acontecimentos não claramente explorados.

6.2 Boy with a Scar — E se Neville fosse o escolhido?

Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar... (ROWLING, Harry Potter e a Ordem da Fênix, 2003, p. 680).

Toda a trama de Harry Potter se desenvolve em volta dessa profecia. Sibila Trelawney, bruxa com o dom da adivinhação e professora de Adivinhação em Hogwarts, teve uma visão com essa profecia e a contou a Dumbledore, que logo supôs a quem a profecia se referia. Os pais de Harry lutaram contra Voldemort, o Lorde das Trevas, três vezes, e em cada uma delas escaparam com vida; Harry nasceu no dia 31 de julho, no último dia do sétimo mês do ano. Ele, porém, não é o único que se encaixa nesse padrão. Neville Longbottom também nasceu no final de julho, e os pais também lutaram contra Voldemort três vezes e sobreviveram.

— O estranho, Harry — disse ele mansamente —, é que talvez nem significasse você. A profecia da professora Sibila poderia se aplicar a dois meninos bruxos, ambos nascidos no mês de julho daquele ano, os dois com os pais na Ordem da Fênix, os pais ambos tendo escapado por um triz de Voldemort três vezes. Um, é claro, era você. Outro era Neville Longbottom (ROWLING, Harry Potter e a Ordem da Fênix, 2003, p. 681).

Harry foi escolhido por Voldemort porque, como ele, é um mestiço, enquanto Neville é sangue puro. A escolha foi feita exatamente por essa característica ser algo em comum e Voldemort acreditar que só um semelhante seu — um bruxo mestiço herdeiro de uma família importante — poderia derrotá-lo.

— Ele escolheu o menino que considerou ter maior probabilidade de lhe oferecer perigo. E repare, Harry: ele não escolheu o Sangue puro (que, de acordo com o credo dele, é o único bruxo que vale a pena ser ou conhecer), mas um mestiço, como ele próprio. Viu-se em você antes mesmo de ter visto você, e, ao marcá-lo com essa cicatriz, ele não o matou conforme

pretendia, mas lhe concedeu poderes e um futuro, que o equiparam para escapar dele, não uma mas quatro vezes até o momento... algo que nem os seus pais nem os de Neville jamais conseguiram (ROWLING, Harry Potter e a Ordem da Fênix, 2003, p. 681-682).

*Boy with a scar*¹¹, da usuária Dirgewhitouhtmusic, se desenvolve a partir do “E se?”, um motivador muito comum no fandom. A fanfic se pergunta o que teria acontecido se Voldemort tivesse considerado Neville, e não Harry, o garoto da profecia, e a inspiração para tal pergunta vem do texto-fonte. A informação de que Neville poderia ser “o escolhido” levou ao questionamento do que mudaria na história, já que não só a vida de Harry seria completamente diferente, mas também a de Neville.

Na história original, Harry é um menino órfão que foi criado pelos tios, que o odeiam. Ele descobriu aos 11 anos ser bruxo, e descobriu também que os pais haviam morrido para protegê-lo de um terrível bruxo das trevas, Voldemort. Neville por outro lado, foi criado pela avó paterna e cresceu visitando o hospital em que seus pais estavam; o casal perdeu a sanidade depois de ter sido torturado por comensais da morte, seguidores de Voldemort. Neville, ao contrário de Harry, sempre demonstrou dificuldade com a magia, e apesar de ser amado pela família, também era subestimado por ela.

Em “Boy with a scar”, é Frank Longbottom, o pai de Neville, que se sacrifica para salvá-lo e assim cria o feitiço que protege Neville de Voldemort. É interessante que Dirgewithoutmusic escolheu o pai, e não a mãe, para proteger o filho, já que em Harry Potter a figura materna é constantemente reafirmada com a protetora final. O contraste na mudança de gênero da figura salvadora — no texto-fonte, o pai que distrai e a mãe que protege; na fanfic, a mãe que distrai e o pai que protege — é perceptível e pode ser interpretado como subversão dos estereótipos de gênero sociais encontrados na série de Harry Potter.

Neville, com a cicatriz de raio na testa, continua sendo criado pela avó. Harry, por outro lado, cresce amado pelos pais e pelos irmãos mais novos. O salvador do mundo bruxo agora pertence a uma família conhecida, e é fácil saber onde e com quem está. São diferenças sutis, mas que mudam drasticamente a forma com que os personagens interagem com o mundo a sua volta.

Harry era imprudente e Neville não, mas era diferente nesse mundo — este Harry pensava que era invencível, não que era menos importante que a

¹¹ Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/3454106/chapters/7577696>

vida de outras pessoas. Harry queria ser tão corajoso quanto as histórias que seus padrinhos contavam em volta da mesa de natal (Digerwhitoutmusic, Boy with a Scar, 2015, tradução minha).¹²

A personalidade de Neville não muda, e não teria porquê. Ele ser o escolhido muda pouca coisa em sua criação, mas intensifica o quanto se espera que seja corajoso e poderoso — coisa que ele não é. Neville é tímido, medroso e tem pouca habilidade mágica. Ser o escolhido só aumenta o quanto sua avó se decepciona com ele (em um primeiro momento, pelo menos). Mas esse é um Neville amigo das cobras de seu jardim porque consegue falar com elas — coisa que o Harry do texto-fonte só descobre que pode fazer no segundo livro da série.

Na fanfic, pouca coisa muda quanto ao primeiro ano. Harry, Ron e Hermione continuam sendo melhores amigos, e é Harry que desmascara Quirrel. Neville ainda tenta impedi-los de quebrar as regras de Hogwarts e ainda é petrificado por isso, mas dessa vez ele se questiona se, enquanto “O Escolhido”, não devia acompanhá-los.

Neville ainda tentou os parar, na noite em que Harry Potter conheceu Voldemort pela primeira vez e foi rapidamente ignorado por ele, a não ser pela Pedra escondida no bolso de Harry. Neville os enfrentou naquele sala comunal, tremendo, porque o Chapéu havia o colocado na grifinória e se ele não pudesse escolher o seu próprio destino, ia pelo menos tentar viver à altura dele. Harry ainda era uma criança atentada, com seu cabelo indomável que só era superado pelo de Hermione, e Ron era uma animada bomba-relógio.

“É Você-Sabe-Quem,” disse Harry, que nesse mundo nunca teve medo antes, e Neville hesitou. Você, de todas as pessoas—”

“Não é,” disse Neville. Neville o chamava de Voldemort, mas só consigo mesmo, porque ele odiava deixar outras pessoas desconfortáveis, e ele pensa achava que era íntimo o bastante com os seus próprios pesadelos. “Ele está morto. Você está errado. Vai se meter em problemas, e mesmo se você não estiver errado, eu sou inútil, então não—”

[...]

Ou ele foi com eles? *Eu devia ser corajoso*, ele disse pra si mesmo. Mas esse é um menino que não acreditava que era. Neville ficou deitado no chão, petrificado, até que alguém tropeçou nele enquanto ia ao banheiro. Ele tratou os próprios hematomas em sua cama enquanto Harry Potter dormia na enfermaria (Digerwhitoutmusic, 2015, Boy with a Scar, tradução minha)¹³.

¹² Harry was reckless and Neville was not, and it was different in this world— this Harry thought he was invincible, not that he was less important than other people’s lives. Harry wanted to be as brave as the stories his godfathers told around the Christmas table.

¹³ Neville still tried to stop them, on the night Harry Potter met Voldemort for the first time and was summarily ignored by him, except for the sake of the Stone hidden in Harry’s pocket. Neville stood up in that common room, shaking, because the Hat had put him in Gryffindor and if he could not choose his destinies he would at least try to live up to them. Harry was still a firecracker of a child, his wild hair only surpassed by Hermione’s, and Ron was a cheerful time bomb.

Como no texto-fonte, a história de Harry e de Neville é interligada. As tramas em que um se envolve também envolverão, eventualmente, o outro. É interessante como Digerwithoutmusic constantemente retoma o que acontece no texto-fonte — interessante e algo particular dessa fanfic. Já que o objetivo dela é justamente imaginar “E se’s?” do universo de Harry Potter, a comparação entre texto-fonte e fanfic é uma marca de estilo da autora, que destaca o caráter questionador da fanfic.

“Quando a segunda guerra chegou, todos os quatro Marotos estariam respirando” (Dierwithoutmusic, 2015, tradução minha)¹⁴. No texto-fonte, quando a segunda guerra bruxa acontece, só dois dos Marotos estavam vivos, Peter e Remus — James morreu tentando dar tempo à esposa e ao filho, e Sirius morreu no quinto livro, tentando salvar o afilhado. No final da segunda guerra, os quatro Marotos estariam mortos. É interessante observar o porquê de nessa fanfic ser diferente: eles não são mais figuras centrais para derrotar Voldemort, não como no texto-fonte. São um grupo de amigos que não foram traídos ou abandonados, e que não fugiram tentando lidar com o luto. Nessa fanfic, os quatro amigos cooperaram na criação de Harry e convivem tranquilamente com os Potter, e lutam juntos quando o momento chega.

“Neste mundo, Severus Snape não era o professor de Defesa Contra as Artes das Trevas. Ele nunca foi um agente duplo. A morte de Lily nunca balançou na frente dele como uma isca, como um enfeite, para atraí-lo para algo como a luz” (Digerwithoutmusic, *Boy with a Scar*, 2015, tradução minha)¹⁵. Snape, que era apaixonado por Lily e só por isso tentou salvá-la, não tinha mais motivo para ser um agente duplo já que ela não corria perigo. Isso quer dizer que ele nunca traiu

"It's You-Know-Who," said Harry, who in this world had never been afraid before, and Neville flinched. "You of all people—"

"It's not," said Neville. Neville called him Voldemort, but only to himself, because he hated making other people flinch but he thought you should be on a first name basis with your nightmares. "He's dead. You're wrong. You're going to get in trouble, and even if you weren't wrong, I'm useless, so don't—"

[...]

Or did he go with them? *I am supposed to be brave*, he told himself. But this was a boy who didn't believe he was. Neville laid on the floor, petrified, until someone tripped over him on the way to the bathroom. He nursed his bruises in his bunk while Harry Potter slept in the infirmary.

¹⁴ "When the second war came, all four Marauders would be breathing." (Digerwithoutmusic, *Boy with a Scar*, 2015)

¹⁵ "In this world, Severus Snape was not a Defense Against the Dark Arts teacher. He was never a double agent. Lily's death was never dangled in front of him like bait, like a bauble, to drag him into something like light."

Voldemort, nunca deu aula em Hogwarts e nunca perseguiu Harry e Neville. Nessa fanfic, ele não era mais uma peça-chave para a queda de Voldemort.

“E no final de tudo, quando coisas foram mensuradas e as últimas defesas feitas, não seria a fênix que viria ajudar Neville, ou a espada. No final, ele teria um exército às suas costas” (Digerwithoutmusic, *Boy with a Scar*, 2015, tradução minha)¹⁶. A personalidade de Neville pode não ter mudado, mas seu papel e o modo com que ele interage com os outros elementos da história mudam drasticamente. Essa retomada do texto-fonte ressalta bem isso, já que Neville continuou sendo crucial para o fim da guerra, mas dessa vez de outra forma.

Dirgewithoutmusic é consciente de que ao mudar o protagonista da história, vários pontos-chave também mudaram. Ela faz isso considerando o que seria verossímil para com o universo do texto-fonte, extravasando o texto ao mesmo tempo em que se limita a ele, deslocando certas imagens dos personagens, como o Deslocamento de personagem sugerido por Jenkins. Ela se baseia em lacunas do texto para criar novas situações e novas lacunas e vazios, apropriando-se e moldando a história para se encaixar nesse novo universo de possibilidades.

6.3 Inominável — Questionamento e homossexualidade

Como dito anteriormente, o fandom também é um meio de questionamento e busca por auto-entendimento identitário. Enquanto forma literária à margem das produções culturais, o leitor vê no anonimato possibilitado pela cibercultura a liberdade de explorar coisas que, talvez, não explorasse abertamente no meio social em que é inserido. A internet dá ao sujeito a liberdade de pesquisar sobre diversos temas de forma anônima, sem que seu círculo social saiba, e assim explorar e desenvolver assuntos e aspectos particulares.

O fandom proporciona esse auto-desenvolvimento ao dar a liberdade de leitura e produção ao leitor, que curioso e querendo expandir o universo do texto-fonte, o encontra. É na ausência de identificação que o leitor questiona as identidades apresentadas pelo texto e se vê como diferente delas, e é no fandom que o leitor-fã tem a oportunidade de explorar essa diferença sem consequências em seu contexto social.

¹⁶ “At the end of it all, when things were measured and last stands made, it would not be the phoenix that came to Neville’s aid, or the sword. By the end of this, he would have an army at his back.”

*Inominável*¹⁷, da usuária Malu_chan, foi publicado em 29 de janeiro de 2017, e é uma fanfic de romance *Drarry*, um dos casais mais famosos do fandom de Harry Potter. Um dos fatores que instigou a criação desse casal é a rivalidade existente entre Draco e Harry desde o momento em que se conheceram. Numa busca constante de se mostrar melhor que Harry, Draco o persegue na escola, como um bully, e é respondido à altura por Harry. A indicação mais forte da possibilidade de concretização desse casal acontece no sexto livro da série, *Harry Potter e o Príncipe Mestiço* (ROWLING, 2005), em que Draco diminui e quase extingue o bullying a Harry por estar focado em objetivos particulares. É Harry, então, fica quase obcecado com o estranho silêncio de Draco, confiante de que ele está tramando algo perigoso. Para tentar descobrir o que e provar aos amigos que estava certo, Harry passa a observar mais Draco, se tornando muito mais consciente de suas presenças e ausências.

Harry, no entanto, nunca estivera menos interessado em quadribol; estava se tornando aceleradamente obcecado por Draco Malfoy. Ainda observando o Mapa do Maroto sempre que podia, ele por vezes saía do seu caminho para ir onde Malfoy estivesse, sem, contudo, encontrá-lo fazendo qualquer coisa fora do comum. E continuava a haver aqueles momentos inexplicáveis em que Malfoy simplesmente desaparecia do mapa (ROWLING, Harry Potter e o Príncipe Mestiço, 2005, p. 296).

A preocupação exagerada que Harry dava ao que, ele imaginava, Draco estava tramando, também foi percebida pelos seus amigos e interferiu em suas atividades na escola.

– É... bem, vi Malfoy se esgueirando pelo corredor com duas garotas que pareciam não estar querendo a companhia dele, e esta é a segunda vez que ele dá um jeito de não estar no estádio com o resto da escola. E ele também faltou ao último jogo, lembra? – suspirou Harry. – Eu gostaria de ter seguido o Malfoy, já que o jogo foi aquele fiasco...

– Não seja idiota – replicou Rony com rispidez. – Você não podia faltar a um jogo de quadribol só para seguir Malfoy, você é o capitão!

– Quero saber o que ele anda fazendo. E não me diga que isso é coisa da minha imaginação, não depois da conversa que escutei entre ele e o Snape...

– Eu nunca disse que você estava imaginando coisas – protestou Rony, erguendo-se sobre um cotovelo e franzindo a testa para Harry –, mas não existe regra que diga que somente uma pessoa de cada vez pode tramar coisas neste lugar! Você está ficando meio obcecado pelo Malfoy, Harry. Quero dizer, pensar em faltar um jogo só para seguir o cara...

– Quero apanhar Malfoy com a mão na massa! – respondeu Harry frustrado. – Quero dizer, aonde é que ele vai quando desaparece do mapa? (ROWLING, Harry Potter e o Príncipe Mestiço, 2005, p. 302).

¹⁷ Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/9502412>

A preocupação de Harry, mais tarde, é confirmada. Draco foi coagido por Voldemort a se tornar oficialmente um comensal da morte e cumprir uma missão: Draco, durante seu ano letivo, deveria matar Dumbledore. Esse fato, porém, não é o foco de *Inominável*. Como é comum em fanfics, Malu_chan se foca na relação conflituosa dos personagens, vendo a rivalidade que tinham durante a escola como uma atração romântica reprimida.

- Eu não devia ter vindo – resmungou o moreno para si mesmo pela quinta vez desde que chegara ao local da festa. A cerimônia de ligação entre Zabini e Parkinson fora rápida, mas muito bonita. O problema do homem, infelizmente, não era esse.

Logo que ele havia chegado, Harry dera de cara com quem menos gostaria de encontrar: Draco Malfoy. O loiro estava muito bonito, com suas vestes pretas formais e, apesar da seriedade, ainda era possível ver os traços daquele homem sexy que havia conquistado metade de uma boate meses atrás.

Os dois se cumprimentaram com um aperto de mão que levou arrepios à coluna de Harry e não mais se falaram. Mesmo assim, a presença do outro era o suficiente para deixar o moreno irritado o tempo todo.

Ele estava irritado e disperso, e a toda hora verde e cinza se encontravam como se por acaso – pena que não havia acaso nenhum ali, quando ambos se esforçavam para se evitar, mas não conseguiam tirar os olhos um do outro (Malu_Chan, 2017, *Inominável*).

A atração que Harry sente por Draco, neste momento, ainda não é admitida. Harry se nega a falar ou pensar em Draco e no ocorrido na boate (algo só revelado mais a frente na fanfic), apesar da insistência dos amigos, que tem cuidado ao tocar no assunto.

- Eu não sei. Você pode estar só... curioso – Hermione parecia cautelosa, como se não quisesse magoar os sentimentos do amigo. – Mas você é meio obcecado por Malfoy desde a escola, então...

- Como assim obcecado?

- Vamos encarar os fatos, Harry. Nosso sexto ano, se lembra? Era realmente meio esquisito, porque você não parava de persegui-lo.

- Mas isso era porque eu sabia que ele estava fazendo algo de errado! Ele tentou matar Dumbledore, o que provou que eu estava certo!

Ela arqueou uma sobrancelha. – Tem certeza de que era somente isso? (Malu_Chan, 2017, *Inominável*).

Malu_chan baseia a atração entre Harry e Draco em fatos não ditos do texto-fonte, baseando-se na ideia de que Harry, enquanto narrador da história, não sabia *nomear* — daí talvez venha o nome da fanfic — o que sentia, e acabou por confundir atração com rivalidade. Ela aceita o sentido pretendido pelo texto-fonte até certo ponto, já que altera o definido no final da série: Harry se casa com Ginny e Draco com Astória, uma personagem que não apareceu no decorrer da série. A fanfic não

cita Astória e estabelece que Harry e Ginny terminaram o namoro logo após a derrota de Voldemort. Malu_chan aceita que não tenha acontecido nada entre os dois personagens *durante* seus anos em Hogwarts, mas altera pequenos detalhes de um período não explorado pelo texto-fonte para que algo possa acontecer *depois* dos tempos de escola. *Inominável* usou como estratégia a dilatação de linha temporal com uma refocalização de tema, usando o texto-fonte para concretizar algo negado por ele.

No decorrer da fanfic descobrimos que meses antes Harry e Draco haviam se beijado em uma boate. O acontecido é, aparentemente, o que despertou em Harry um interesse por Draco que estava esquecido e ainda indefinido. Na confusão sentimental e tentativa de entender o que sente por Draco, Harry questiona a própria sexualidade e tenta negar o que, ele começa a perceber, é uma atração sexual.

- Eu não sou gay, eu não sou gay, eu não sou gay... – Harry repetia o mantra enquanto se encarava pelo espelho do banheiro. Havia chegado em casa há muito tempo, tomado um banho e tentado relaxar. Até agora – e já era quase meia noite – ele não conseguira.

As imagens da boate, que ele por tanto tempo conseguira fazer sumir de sua mente, não paravam de passar por seus olhos. Misturadas à figura do loiro naquela noite, elas passavam pela sua cabeça a uma velocidade assustadora causando reações em seu corpo que ele não estava acostumado a ter quando pensava em outro homem.

- EU NÃO SOU GAY! [...] (Malu_Chan, 2017, *Inominável*).

Esse questionamento é muito comum em fanfics. Os Leitores Produtores projetam dúvidas íntimas em personagens que não lhes pertencem — e que no contexto do fandom não pertencem nem à autora do texto-fonte, mas sim ao fandom — como uma forma de externalizar dúvidas e sofrimentos pessoais, procurando outros fãs que possam se identificar com essas dificuldades e, assim, firmar-se como comunidade. O fã, expondo-se no fandom de forma anônima mas sincera, busca suprir uma solidão gerada por noções preconceituosas de seu contexto social, tentando entender uma parte de sua identidade que pode ainda não ter se desenvolvido. Escrever um Harry que reprime a atração por outro homem, então, é também escrever sobre uma experiência pessoal que foi reprimida.

Harry, na fanfic, também precisa lidar com o fato de que essa atração é recíproca.

Quando um gemido escapou de seus lábios, Harry recuperou a consciência e empurrou o outro, que caiu sentado na cama. – Que droga, Malfoy, eu não sou gay!

O cinza relampejou. – Se você diz... – Draco levantou-se e foi em direção à porta. – Mas, sério, Potter... Você precisa superar essa sua negação – disse ele com um sorriso malicioso antes de sair (Malu_Chan, 2017, *Inominável*).

Malu_chan também brinca com detalhes do texto-fonte, e usa a impulsividade de Harry como resolução para o conflito. Depois de um bilhete provocativo, Harry decide ceder e enfim admite a atração, indo ao encontro de Draco para oficializar a relação. É interessante como Harry cede à atração que se esforçou tanto em negar. Bastou um convite, uma coruja¹⁸ enviada de forma privada, e sua decisão foi feita. Seu conflito interno foi resolvido de forma simples e calma; os que sabiam que havia algum conflito não interferiram ou o reprimiram, e o meio social em que estava inserido sequer demonstrou perceber que algo acontecia. A fanfic, que também é um meio de fuga de uma realidade repressora ou agressiva, comumente resolve seus conflitos de forma simples e harmoniosa, principalmente quando voltada à relação de personagens. Não há porque, em fanfics como *Inominável*, estender o conflito confuso de algo que o Leitor Produtor — ou o leitor-fã de uma forma geral — lida na vida real.

Tal como no texto-fonte, há na fanfic vazios que alteram o horizonte de expectativas do leitor; a resolução simplificada do conflito pessoal de Harry passa uma mensagem positiva e encorajadora de aceitação quanto a um tema que o texto-fonte não lida: a identidade e seus fragmentos, a subjetividade do sujeito em relação ao mundo e a si mesmo.

¹⁸ O correio do mundo bruxo do universo de Harry Potter é o envio de cartas por corujas.

Considerações finais

Entender o livro — e a literatura — é também entender os processos em que o ato da leitura se dá e como o texto interage com seu receptor, o leitor. A Teoria do Efeito Estético de Wolfgang Iser procura entender os processos e as estratégias usadas pelo texto na sua interação com o leitor, e como o leitor, em sua posição de concretizador do sentido, percebe essas estratégias.

As lacunas, os vazios e as imagens do texto são constantemente atualizadas não só pelo texto, mas principalmente pelo leitor com seu horizonte de expectativas. Apesar da importância do leitor no ato da leitura, Iser o coloca como sujeito ao texto. Os ditos e não-ditos do texto moldam e limitam as interpretações possíveis do leitor em uma tentativa de guiar o leitor ao sentido pretendido pelo autor e pelo texto. Para auxiliar o autor na estruturação dos vazios no decorrer do texto, Iser nos apresenta o Leitor Implícito, um leitor fictício que existe para auxiliar o autor a organizar os vazios, os ditos e os não ditos de forma a possibilitar o entendimento por parte do leitor real.

O modo com que o leitor real é limitado pelo texto, porém, se mostra um conceito duvidoso. O Leitor Produtor é proposto neste trabalho inspirado pelo leitor-fã, que se apropria de um texto e produz a partir dele um novo texto, modificando-o para atender expectativas não atendidas pelo texto-fonte. Mais do que apenas uma forma de produção cultural, o Leitor Produtor é um nato sujeito pós-moderno, que se incomoda ao não ver fragmentos de sua identidade representados no texto (independente do gênero) e se vê no direito de produzir ficções de ficções, as fanfics, para se ver representado no universo do texto-fonte. O Leitor Produtor não só busca representação, mas também vê na alternativa de produção literária cultural um meio de interagir mais com o universo do texto-fonte. Para entender um pouco mais detalhadamente como esse processo se dá, a Teoria do Efeito Estético de Iser foi usada.

Iser também apresenta o ato da leitura como um jogo. O autor/texto apresenta um universo textual que é concebido *como* realidade, mas que é na verdade uma encenação da realidade, visto que nenhuma descrição é de fato aquilo que é descrito. A interpretação dessa realidade encenada é constantemente atualizada pelo leitor no decorrer da leitura; essa interpretação é uma constante

atualização de possibilidades identificadas pelo leitor, que cria aos poucos uma realidade ficcional a parte e independente do mundo real, apesar de indiretamente relacionado a ele.

O ato da leitura é, inevitavelmente, uma transgressão. O leitor recebe do texto informações, e quanto mais informações recebe e acumula, mais as atualiza e, a partir delas, cumpre a sua tarefa de visualizar as diversas interpretações possíveis. Esse processo inclui transgredir o mundo referencial contido no texto, já que a concretização do sentido depende da interpretação que o leitor, com seu horizonte de expectativas único e arbitrário, faz ao ler o texto.

Apesar desse jogo ser regido por estruturas específicas armadas pelo texto, o leitor, enquanto responsável por desenvolver o cenário em que o texto performará seu sentido — ou seja, enquanto concretizador e organizador do universo textual e seus elementos — o faz de seu modo, e a partir disso gera o que entende por sentido do texto.

O caráter auto-reflexivo do discurso ficcional oferece, por isso, as condições de apreensão para a representação, que assim se torna capaz de produzir um efeito imaginário. Esse objeto imaginário à medida que não é dado, mas pode ser produzido através da organização dos símbolos textuais na imaginação do leitor (ISER, 1996, p. 120).

A fanfic é uma ficção da ficção. O Leitor Produtor não só a usa para externalizar o caráter auto-reflexivo da ficção, mas também para moldar a realidade apresentada pelo texto para que ela passe a se encaixar nos parâmetros que o leitor selecionou.

“É sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia” (ISER, 1979, p. 105). Podemos entender, então, que:

AUTOR + TEXTO + LEITOR = SENTIDO

A relação autor-texto-leitor, segundo Iser, é uma performance que molda um novo objeto, criando um material único e imprevisível. Com o Leitor Produtor, porém, a concretização do sentido não é o objetivo final ou o ponto de parada, e a relação autor-texto-leitor não é o bastante para descrever a formulação do novo produto que

é a fanfiction. É preciso refletir mais a fundo sobre como compor uma fórmula que explique o Leitor Produtor já que, como sujeito pós-moderno, ele carrega um caráter midiático e cibernético intrínseco à sua identidade. Para tal, é preciso analisar mais detalhadamente o que caracteriza o sujeito pós-moderno, o leitor pós-moderno e o mundo cibernético, e a partir disso observar com cuidado, somado ao apresentado neste trabalho, as diferenças para com a teoria do efeito estético de Iser, que ainda é extremamente importante apesar de suas limitações.

Referências Bibliográficas

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998. 3 ed.

DIGERWHITOUTMUSIC. **Boy with a scar**. 2015. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/3454106/chapters/7577696>. Acesso em: 05/15/2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

ISER, Wolfgang. **O Ato da leitura: uma teoria do efeito estético 1**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o leitor de textos de estética da recepção**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

_____. O Jogo do Texto. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro. 2.ed. Paz e Terra, 1979, p. 105-118.

JAMISON, Anne. **Fic: porque a fanfiction está dominando o mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994 (Série Temas; v.36).

JENKINS, Henry. **A Cultura da Convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. **Invasores do texto: fãs e cultura participativa**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LICHTENBERG, Jacqueline. **Lembranças de uma festa de montagem**. In: JAMISON, Anne. **Fic: porque a fanfiction está dominando o mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

MALU_CHAN. **Inominável**. 2017. Disponível em:

<https://archiveofourown.org/works/9502412>. Acesso em: 04/12/2018.

RECUERO, Raquel. À guisa de Introdução: problematizando Fãs e Fan fictions 20 anos depois. In: JENKINS, Henry. **Invasores do texto: fãs e cultura participativa**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015, p. 3-12.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o Príncipe Mestiço**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

SOUHAIT. **Despedidas**. 2011. Disponível em:

<https://www.fanfiction.net/s/6620465/1/Despedidas>. Acesso em: 03/12/2018.

SMITH, Alissa. **A 50-year Trekkie bestows *Star Trek* history upon the next generation: How fandom and fanfiction sparked the galaxy's most controversial romance**. In: Colorado Springs Independent, 2018. Disponível em: <https://www.csindy.com/coloradosprings/a-50-year-trekkie-bestows-star-trek-history-upon-the-next-generation-how-fandom-and-fanfiction-sparked-the-galaxys-most-controversial-romanc/Content?oid=14273176>>. Último acesso em: 13/10/2018.

Anexos

Despedidas
Souhait

'It's has been fourteen years, and still not a day goes by that I don't miss your dad'

(Se passaram catorze anos, e não se passa um dia sem que eu sinta falta do seu pai)

Sirius
Ordem da Fénix

“É madrugada, Prongs. Mesmo eu tendo noção suficiente de que seus pais não devem ser acordados” Sirius disse, deixando a mala no canto do quarto de James “Eu durmo no chão, mesmo. Só vou... tomar um banho”

Pegou as toalhas e as roupas. Foi até o banheiro, encostando a porta. Ligou a água quente apesar de ser verão, levantando o rosto para senti-la melhor, pouco se mexendo nos dez minutos que ficara ali.

Quando saiu, piscou os olhos acinzentados. James estava inclinado, terminando de ajeitar uma cama improvisada que fizera no chão, endireitando os óculos no meio do caminho de se levantar para ver se estava tudo bem. Não era o melhor dos trabalhos, mas Sirius sentiu vontade de sorrir e de chorar ao ver a cara cansada do amigo ao pegar os dois travesseiros do armário.

“Rompeu de vez?”

Sirius deu os ombros, mas percebeu que queria falar.

“Perdi Regulus” porque o irmão, e a possibilidade de rompimento com o sobrenome que ele via nele eram as únicas coisas que o forçavam a ficar em Grimmauld “Desisti, Prongs”

James meneou a cabeça enquanto ia até o armário, pegando uma coberta e tacando-a no chão.

“A gente se acostuma a se separar das coisas. A família é só uma delas “disse, fechando a porta. O barulho foi amortecido pelos travesseiros mal arrumados “Você só fez antes, Padfoot”

Sirius não respondeu, de novo dando de ombros. Pensou no que James havia dito, nas palavras que vieram como consolo porque o fizeram pensar que, na próxima vez, seria mais fácil.

Teria que ser mais fácil.

“Vou dar uma mijada”

James soltou um sorriso — era o jeito Sirius de dizer que não queria mais falar daquilo — é fez que sim, e Sirius deu as costas a ele para entrar no banheiro. Não demorou mais que meio minuto mas, quando voltou, a vontade de sorrir e de chorar

voltou com força; o melhor amigo estava deitado na cama do chão, já dormindo — era realmente impressionante como ele dormia rápido —, os óculos no chão e o rosto enfiado no travesseiro.

“Ei, James” ele o cutucou com o pé, mas o outro não respondeu e só virou o rosto “Por que está no chão, cara?”

“...Acha mesmo que eu teria esse trabalho todo por você?” ele resmungou, enterrando o rosto no travesseiro “Vá dormir, Pads”

Sirius não insistiu, pulando o corpo dele para chegar à cama. Ficou de frente para o teto, fitando a tinta clara e o poster do time de Quadribol da Inglaterra, os pensamentos rápidos demais para que conseguisse dormir.

“Está errado, Prongs” disse, baixo, sem a intenção de acordá-lo “Tem algumas coisas com as quais eu nunca vou poder romper”

Pensou nele primeiro. E por último. E, por catorze anos, não foi capaz de se desfazer dele.

Boy with a scar

Dirgewithoutmusic

If Voldemort had chosen the pureblood boy, not the halfblood, as his opponent? This Neville would have had graves to visit, instead of a hospital. He'd still have grown up in his grandmother's clutches, tut-tutted at, dropped out windows absentmindedly, left to bounce on paving stones.

Let's tell this story: Alice Longbottom, who was the better at hexing, told Frank to take Neville and run.

She died on the braided rug of their sitting room floor. Frank heard her fall from where he stood in front of the cradle. He did not have time to run.

When the Dark Lord climbed the stairs and saw Frank, he laughed at the small man in front of him. Frank had crooked teeth, a mis-sized nose, big fingers and small, watery eyes. Voldemort looked at him the way children would look at Neville, in almost a decade, at stubby fingers around a rememberall, a wrinkled brow and a stammer. "Move aside," he said, the way a different Voldemort had once offered a way out to Lily Potter. That had been for the sake of another man's love, and this was for his own contempt. "Just let me have the boy. Did you really think you could—"

When Neville met Voldemort again, in his fourth year, when Luna's advice, his own gillyweed knowledge, and Ginny's Bat Bogey Hex lessons had gotten him through the Triwizard Tournament he'd never signed up to enter, there would be a bubbling scar on Voldemort's sunken left cheek. His father had had time for one curse. Frank's love had saved his son, marked him, but his hate had been enough, too, to scar Tom Riddle through every rebirth and transformation he would ever have.

Harry Potter would have grown up as James's oldest son. I think Lily, who missed her sister, and James, who had found three brothers at school and loved them more than life, would have had more children: a little sister who James taught to fly (little Tuney'd be Keeper to Ginny's Seeker, in a decade, and gossip terribly about Harry), a baby brother Lily fervently talked James out of naming Lupeterius. Harry would have grown up spoiled and loved, magical, with toy broomsticks and playdates with the other Order kids— stumbling Neville, the Bones girl and the rollicking Weasley bunch.

If the Potters were never the main targets, never hiding and frightened, I don't think Peter would have turned when he did. Not enough gain. Not enough tail-tucking fear. Peter would have limped through to the end of the war, whiskers shivering in his soul even when they were popping champagne on the night Neville Longbottom's parents died.

They raised delicate glasses that had somehow survived all the first war, laughing, in Godric's Hollow, to the Boy Who Lived. Augusta Longbottom planned her children's funeral and wondered if her grandson's forehead would scar like that. Lily danced in the living room with James, on the garish rug that Sirius had bought them as a joke and that they had kept just to spite him.

But this was a story about Neville now—it would always be a story about Harry, somewhat, because it had never been the scar that made the boy. When Draco Malfoy stole Neville's rememberall, this Harry would still jump on a broom; when Hermione, weeping in the bathrooms, didn't know about the troll, Harry would still run to tell her—that instinct was not something even having loving parents (especially these parents) would have kept from him.

But this had always been a story about Neville, too— unscarred Neville, Neville with his pockets full of gum wrappers, this had always been the story of his rise and his steady soul. But this time he was marked from birth, a scar on his forehead and hands that weren't any better at holding a wand. This time, his grandmother had even more reason to look at him with disappointment when he spent all his childhood looking powerless.

Neville was not the disappeared savior who they whispered about. Halloween was still a celebration of Voldemort's fall, but Neville was a lucky object, not a small hero, because where there had been a vacuum to fill when it had been Harry Potter, to fill with wonderment and thanks, here Neville toddled down Diagon Alley and held his grandmother's hand. The whole world knew this boy was probably a squib, with pudgy fingers and a slow stammer, who didn't learn to read until it was almost time to go to Hogwarts.

When Neville got his Hogwarts letter, the whole wizarding world was very politely surprised. He got told congratulations from strangers in the street, who in different universes would be shaking Harry Potter's hand and swooning. Neville was far above smart enough to recognize that none of the other children got congratulated for the victory of being asked to attend school.

He asked the Hat for Hufflepuff and it gave him Gryffindor. He hoped they did not expect him to learn how to roar.

This was a Neville scarred. This was a Neville who would still get a rememberall and still forget it in his room two days out of five, who would eat a Weasley treat and turn into a canary, who would take Ginny Weasley to the Yule Ball and not once step on her toes.

This was a Neville who had had long conversations with the garden snakes in his backyard as a child and who had snuck them bits of his breakfast, kept track of which little serpent liked soft boiled eggs and which would dare to try a bit of sausage if he wiggled it properly. When he first got to Hogwarts, lonely, a lion in lamb's fleece, Neville hid out behind the greenhouses and made friends with the snakes who curled on the warm rocks there.

In their first year, the same three kids fought a troll in a bathroom and became friends, because you can't really escape it, after that. Neville had headaches, especially in Defense Against the Dark Arts; he thought it must be the garlic stuffed in Quirrell's turbin. He tip-toed his own self down to kitchens and made himself tea to help with the ache.

Neville still tried to stop them, on the night Harry Potter met Voldemort for the first time and was summarily ignored by him, except for the sake of the Stone hidden in Harry's pocket. Neville stood up in that common room, shaking, because the Hat had put him in Gryffindor and if he could not choose his destinies he would at least try to live up to them. Harry was still a firecracker of a child, his wild hair only surpassed by Hermione's, and Ron was a cheerful time bomb.

"It's You-Know-Who," said Harry, who in this world had never been afraid before, and Neville flinched. "You of all people—"

"It's not," said Neville. Neville called him Voldemort, but only to himself, because he hated making other people flinch but he thought you should be on a first name basis with your nightmares. "He's dead. You're wrong. You're going to get in trouble, and even if you weren't wrong, I'm useless, so don't—"

"I'm so sorry," said Hermione, drawing her wand, and they went to go break the Stone out of the Mirror for Voldemort and put Harry into a brief coma. Neville sent him a few boxes of chocolate frogs, listened to Hogwarts cheer for Potter, and cried a little bit because all was right with the world.

Or did he go with them? I am supposed to be brave, he told himself. But this was a boy who didn't believe he was. Neville laid on the floor, petrified, until someone tripped over him on the way to the bathroom. He nursed his bruises in his bunk while Harry Potter slept in the infirmary.

With no love's curse on him, Harry only survived because Fawkes had shown up, shrieking, to burn Quirrell to a crisp. The phoenix had always had a soft spot for reckless children. Dumbledore had always had a contingency plan.

Harry was reckless and Neville was not, and it was different in this world— this Harry thought he was invincible, not that he was less important than other people's lives. Harry wanted to be as brave as the stories his godfathers told around the Christmas table.

At the end of it all, when things were measured and last stands made, it would not be the phoenix that came to Neville's aid, or the sword. By the end of this, he would have an army at his back.

When the second war came, all four Marauders would be breathing. Fred and George would have had to find their passages themselves, had to invent their own map on cheaper materials and less prowess in Transfiguration but with a stronger grasp on physical chemistry— maybe theirs would have been enchanted spectacles or a scrying stone tucked in a pocket, something they could hold onto and wouldn't have to worry about burning.

When the second war came, the Marauders would be the ages the wizarding world imagined the martyred Longbottoms had been when they died—adults, not the young, terrified, brave twenty-somethings they had been. Sirius would have a bit of a pot belly, even when he went Animagus and curled up by the fire, all limbs splayed in the air.

Peter gardened. Remus slept on their couches, all of them, but refused to take charity. After a few years, the Gringotts goblins stopped sending Remus letters whenever his vault got broken into and some new bag of Sickles and Knuts left behind in it. They cited budget cuts and a need to preserve paper. Lily kept a tally on a piece of notepaper on the kitchen fridge, summing up who had managed the most break-ins. She was winning.

The last thing this Harry would be was a bully. Lily had made sure of it. and, more than that, so had James. Decency, kindness to people who are different than you—these had been lessons hard won, built and earned, tinged with retrospective

horror. James had been a child once, but he had once been a bully, too, and he was old enough now to know that those were different things.

"Boys may be boys," James told his sons. "But that never means cruelty. It means you trip over things, and forget your mother's birthday—lord knows I do—and never manage to wash behind your ears. But you be kind, kids, or you aren't worth anything at all."

In this world, Severus Snape was not a Defense Against the Dark Arts teacher. He was never a double agent. Lily's death was never dangled in front of him like bait, like a bauble, to drag him into something like light. Severus shared one cell wall with Bellatrix Lestrange and another with Rodolphus.

Lily leaned on her husband's shoulder, in the faint warm light of their kitchen, and said, "But you be kind to you, first. Harry, you don't owe anyone any part of you, no matter what they say." James had lost a lot more sleep over Snivellus Snape's fate than Lily ever had over the sweet, odd boy who had brought her daisies and hissed slurs at her sister.

When Harry first met Draco Malfoy, he didn't hate him. On principle.

Harry stopped Malfoy's bullying whenever he saw it, but Harry also said "good morning" every breakfast, like he meant it, and enjoyed the flabbergasted look on Draco's face. Some days it was a joke, some days a penance, and on the best it was a kindness.

But we said this was a story about Neville, and it is.

When Neville heard a whispering voice in his ears his second year, he was quietly, firmly sure he had gone mad. That type of despair was quiet, in hands like his. It was resigned.

In that common room, there was another frozen chest like his, however, another set of hands watched carefully, tearfully, by the person they belonged to.

In this story, someone listened to Ginny Weasley. Neville asked her what was wrong and listened to the answer.

She was losing time, and he was losing trust in his ears. Ginny promised to listen when he heard words, and to follow when he ran after the whispers. He promised to watch her, to help her count her hours, and to follow when she drifted shakily away from the backs of groups.

Neville found Ginny out by the chicken coops three times, glassy-eyed, and each time he wrapped her in his small twelve-year old arms until she stopped fighting him and woke up.

He didn't manage to find her before she scrawled red threats on the Hogwarts walls, left Mrs. Norris hanging by the tail, but he took her down to the kitchen after, got some hot soup in her, and helped her scrub all the paint off her robes. He told her it was not her fault, which he had not promised to do, but he had said he would tell her the truth.

When Neville, terrified, wary, told her he could talk to snakes, Ginny shrugged. 'Enemies of the Heir beware' was scrawled on the Hogwarts walls and she knew pointing fingers at this juncture might get a bit complicated. Instead she said, "Ah, that makes sense," because whenever Neville heard voices, she heard hissing.

They went into the book together, tumbled into Riddle's memories. "He's lying to us," Ginny whispered, eleven, intimate with the difference between chicken's blood and red paint on her hands. When young Riddle pointed to Hagrid's Aragog and called it the monster, Neville thanked him politely for the news and they both tumbled out into their bodies.

"I can talk to snakes, not spiders," Neville pointed out.

"And it's Slytherin's monster. Why would it be a spider?" said Ginny with exasperation.

They tried to burn the book in the fireplace, learning Incendio from a suspicious Hermione and borrowing fire salamanders with Fred and George's help. They broke into the Restricted Section to learn spells of destruction. Nothing worked.

Ginny had bad dreams, her soul still half in someone else's pages, and she thought she knew where the entrance to the Chamber was. They were talking about closing down the school. Neville thought about living with his grandmother forever, not getting to come back, and decided that was less important than anything happening here. But Hermione got petrified, so Ginny grabbed Neville by one hand and dragged him up to where Harry and Ron were huddling together.

"We're going to do something stupid," Ginny told them. "We thought you two were the people to talk to."

They got Fred and George, too, though not Percy, and soon each of them had pockets full of the twin's more useful tricks and toys. ("It's not on our map," Fred told George, offended, when the bathroom sink opened up. They would feel gratified,

years later, when they met the Marauder's Map and found that they had missed this passage too).

Ginny collapsed to her knees on the bone-strewn floor of the Chamber, but her eyes didn't close. Riddle ripped himself from the diary. He was just a barest outline and a hiss.

This time, it was not Harry alone. Ron judged the playing field, the pieces and the resources, and called orders that his brothers mocked loudly and then followed. Fred and George threw spells and tricks that spewed gum into the snake's lethal eyes. Fawkes brought them a Hat and Harry dragged the sword out of it. Neville drew on every old lesson from garden snakes and screamed instruction and distraction at the basilisk. Harry killed it.

Hogwarts would always help those who asked for it. "I did ask," hissed Ginny, and yanked the fang out of the basilisk's head. "Hogwarts wasn't listening." Riddle howled when he went and Ginny limped out of the Chamber with one arm on Harry's shoulders and one on Neville's because Fred, George, and Ron were all much too tall.

(Lockhart didn't manage to get on the end of his own faulty Obliviate, but he did manage to trip over one of dangling sleeves and end up in a full body cast. Dumbledore started looking for a new Defense Against the Dark Arts teacher.)

There was no Sirius to break out in their third year. He was home, teaming up with Lily to torment James, who had grown what Sirius called "stodgy" in his old age. Sirius was too busy to lurk, hollow-cheeked, in the shadows; he had to teach the littlest Potter, who was still too young to go to Hogwarts, how to fly.

There was no Peter to lurk and nibble, to chitter and flee. Pettigrew was busy trying to teach Lily how not to kill every begonia she planted. He was busy mailing bottled bedtimes stories to little first year Tuney Potter, because she was homesick and he did the best animal voices. She would pull her head under her covers and uncork the bottle, and curl up until her godfather's voice put her to sleep. When Tuney woke up, the bottle had always restoppered itself. It would start off, the next night, at whatever part of the story she last remembered.

So, except for some very intensive education on legal policies, appeals, and animal rights (Tuney, tagging at Hermione's heels, became passionate about Buckbeak), that third year was a rather relaxing time. Lupin was a lovely teacher, and Harry was beside himself with glee about his (other) godfather's presence, even if

some little tattletale shared about his furry problem at the end of the year. Neville quite liked Lupin. He thought he might have understood about the snakes.

Neville met Luna Lovegood that year, too. "My father says your story is propaganda from the Ministry," was the first thing Luna ever said to him. "He says He-Who-Must-Not-Be-Named was really brought down by a combination of centaur secret police and the Aurors' gingivitus scheme." Ginny laughed aloud and Neville decided, immediately, that he liked Luna. It was nice to meet someone who disbelieved in you, sometimes.

He and Ginny spent most of Neville's peaceful third year exploring the castle with Luna. Ginny took them flying on brooms, around and around the lake, and Luna took them out to meet thestrals. Neville, who had not had his worst memories ripped to the front of his mind by dementors, could not see them. Ginny could. She had never seen anyone die, but she had killed Tom Riddle's ghost and sent some of her self with him.

Neville introduced them to the snakes behind the greenhouses, expecting his friends to shy away, to run. Ginny grinned, instead. "Are they poisonous?"

Luna sank to her knees, palms out, robes pooling. "They're warm," she said, dreamily shocked, when they curled over her wrists.

"It's just the sun," said Neville. His hands were a little shaky.

"That's all it ever is," said Luna.

When Neville's name got pulled out of the Goblet of Fire the next year, Ginny had to nearly shove him to the front of the room.

"Better a Puff than a squib!" Malfoy shrieked in the hallways, thrilled with himself, flashing Support Diggory/Longbottom Stinks buttons. Harry gave him disappointed glances and Draco was really not sure what to do with that kid.

After Voldemort returned, after Neville crashed down in front of the hedge maze onto Cedric's corpse, Neville told Harry, "It should have been you." Neville told him that, blubbing, when they pulled him to his bruised feet, and he told Harry again, quietly, on a late midnight in the boy's dormitory. "It should have been you. You're the brave one. You'd have stopped it. They'd believe me, if I was you."

"Nonsense," said Harry. "You're a hero, Neville." Then Harry sent Hedwig for Luna and Ginny because he and Ron both knew very little about what to do when someone started crying on you.

(Ginny bumped his shoulder in what was supposed to be a warming sort of bruise. Luna counted his tears with utter seriousness, cheering each one. "Did you know tears feed blubbering grackles?")

The next year, Umbridge came. When Hermione explained her plan to Harry to teach the other students, she wheedled with Neville, too. "Neville, you got through the Triwizard Tournament."

"With lots of help!"

"And Harry, you got through the third floor corridor our first year, and we all fought the basilisk our second. Well, not me."

"You're the one who figured out what it was!"

Harry taught his favorite Expelliarmus from the dueling club Neville hadn't attended, how to keep your head in battle, and all the useful prank and battle magics his godfathers had ever taught him. He wrote home for tips and Sirius and Lily sent him letters of suggestions while Remus and James sent back letters of cautions. Peter sent a pack of Dungbombs for Umbridge's office.

Neville and Ginny taught the fire and destruction spells they had learned for the diary. Neville told them about the graveyard, stumbling, Ginny stubbornly adding in any bits of his own bravery he forgot to repeat.

Hermione dug up instructions on Patronuses, which seemed useful as messengers, and they taught that with Lupin's stressed head floating in the fireplace to help out. Harry's was not a stag but a snowy owl. Neville's Patronus was a garden snake, and it coiled shyly around his ankle when people stared at it.

Neville had a nightmare of his grandmother, spitting in Voldemort's face somewhere dark and lined with glass orbs. He went to Ginny. "I think Tom's lying to us again," she said. "But we better check it out."

They broke into Umbridge's office. The pink menace took Harry and Hermione, the clear ringleaders, out to the forest, and while they were busy leaving her to Grawp and the centaurs, Neville, Luna and Ginny disarmed Malfoy's crew and sent Floo after Floo out—they woke up Lily and James, and they didn't actually wake up Sirius and Remus, who were deep in a slightly tipsy chess game. Peter peered out at them, and then rushed off to gather Mundungus and the other harder-to-find members of the Order.

There was a ruckus at the Department of Mysteries, but Neville and his friends were busy at Hogwarts while the Order of the Phoenix did their good work. The kids

woke teachers, sent someone out to rescue Umbridge, and rifled through her desk to find something to either condemn her or blackmail Fudge with. Luna called Neville's grandmother by Floo until she bothered to wake up and ask him if he'd got better marks in Transfiguration this year, that's a strong wizard's subject.

When Neville went home that summer, he slept til noon the first day, exhausted. Then he packed a bag and spent most of the rest of the summer couch-hopping from the Potters' to the Wealseys', the Lovegoods' and last to the Grangers', where he learned more than he ever wanted to about dental health and quite a bit he did want to about electricity. He saw a lot of Lily Potter that summer, too, because she found the Grangers delightful. Lily came over most weeks to watch Saturday morning cartoons, which she had sorely missed.

The school seemed peaceful when they got back for their sixth year, but Draco Malfoy seemed twitchy. Only Harry noticed, but Harry had been saying "good morning" to Draco for years now, through pranks and vicious Quidditch competition, sneers in Potions and taunts in the hall. He still managed to sound like he meant it each time.

"You suck for a lot of reasons," Harry had told Draco once. "But my mom says not all of them are your fault, and dad says to be the better man. Mom says I don't have to give you a chance, but I can, if I want to. The rest is up to you."

Draco ran away, after Christmas. His parents disappeared from their estate, as did all of the ancestral jewelry that wasn't soldered down or already cursed. Dumbledore, if it could be avoided, had never wanted to put murder on a boy's conscience anyway, so he already had a secondary plan in place. This didn't bruise it much.

Peter Pettigrew had been frightened, once, but he was older now. He was not twenty and desperate, but the Death Eaters remembered when he had been, and so they believed Pettigrew, easy, when he skittered into their camp.

Dumbledore didn't have Severus's heartstrings to play puppetmaster on, so he had circled Peter. Dumbledore called it a penance for a crime never committed, and Peter believed him.

In a different world, Albus Dumbledore had told Severus that he wanted to keep the Potter boy safe, and alive, and well. Do not listen to wise old men when they smile at you and ask you for repentance. I do not care how clean their hands seem.

In this story, it was Pettigrew who let the Death Eaters in, and it was Pettigrew who killed Dumbledore in the high tower. It was Neville who was hidden below the tower floor, listening to Dumbledore plead and tumble off the battlements.

It was still Harry, though, who chased Pettigrew down the grassy slope, screaming about cowardice.

His godfather had been that young once, sixteen with war brewing on the horizon. When Peter had cried like that it had been quiet, alone, buried in the back of the closet, where no one would know that he was scared, that he didn't want to die for them. Harry raged down the grass after him, the castle alight behind him, wand drawn, shrieking about cowards, about family.

"I know," said Peter, whiskers not shaking at all. "I'm sorry." He didn't scream it. He got himself beyond Hogwarts's borders and Disapparated.

The Potter house was stuffed with all the Marauders but one, that summer, and it was quiet like a wake. Peter had never told even his best friends about Dumbledore's plan.

No one said, "I always knew he was a rat," because they had known that, they all had. To them rat meant blooming hedges in the dead of winter, meant poor table manners and bottled bedtime stories. There were dried herbs hanging in Lily's kitchen that had grown in Peter's garden. She did not throw them out.

Harry, a locket in hand, gave Sirius his baby brother's last letter. Sirius read Regulus's sharp handwriting over and over, the hateful hope he threw in Voldemort's teeth. When Regulus had died, years ago, Sirius had swallowed hard and thought good riddance. Sirius wrapped a hand now around his godson's shoulder and said, "Thank you."

Neville spent the first part of that last summer in that shivering house, before Bill and Fleur's wedding, before the war fully began. After a week of stunned silence, Lily rounded them all up, fierce as Neville had only known Ginny to be, and made them all go play Quidditch in the dry summer heat until they came in exhausted, flushed, wearing some kind of smile.

Kinglsey's Patronus warned them at the wedding, and they split up. Dumbledore had been solemnly gifting Neville with memories and theories of Tom Riddle's Horcruxes all last year, and Neville had gone back after each lesson and told the stories to his friends. Harry, Ron, and Hermione had always been the reckless, and they volunteered to scour the world for each piece of Voldemort's soul.

Hermione was good at riddles and ruthlessness, at staying alive; Ron at seeing patterns, weaknesses; Harry at pulling through in the last, hardest moments.

They had a screaming row about it first, with Molly and James and Sirius, about children going to war. Remus sat in the corner, face in his tired hands. Lily stepped in, finally, a hand on James's shoulder, a finger to Harry's chin.

"I wish you didn't have to," Lily told her oldest son. "But I am so proud of you." She had grey in her red hair that shouldn't be there, but it was.

In his will, Dumbledore had left Luna a Put-Outer which she used to cause chaos in Hogwarts' occupied corridors. He left Ginny nothing. He left Neville a snitch, and Neville gave it to Harry. "You'll have more fun with this, I think," he said. When Neville went to die he would not see the faces of parents lost. He had never found the Mirror of Erised. None of that made it hurt more, or less.

Neville went home. He went back to Hogwarts. He'd have been arrested on sight, so he took Arthur Weasley's car and then tip-toed up to the Room of Requirement. He did not have the cloak. Harry had the stone and he would have the wand. When Neville walked out to the forest to die, he would not be master of anything, let alone death. He would be a boy, not yet quite grown, who was ready to die for other people. And, really, that was all this had ever been about.

Neville waited for children to come to the Room and they did. Some came because they were brave or wise, fair or clever. Some came because they were frightened. Young Slytherins lingered by the walls, shy, scared, and Neville greeted them each by name. Luna greeted them each by favorite ice cream flavor, but that was because she understood the important things in life.

Tuney Potter slipped in, heading straight for Ginny's right hand; Tuney had her father's hair, wild and tangled down to her shoulders, her mother's freckles, and both their stubbornnesses. The youngest Potter child had been kept home, kept hidden, but Tuney had refused.

Neville stood up in front of them, and he remembered standing in the Gryffindor common room, shaking, telling three reckless kids to not be brave. "I know none of us feel like we are the people who are supposed to be here," he said. "This is a big story, for heroes, and I think I cried three times last week."

"Well, I cried four," a Ravenclaw from the back of the room called, grinning.

"You win," he agreed. Neville looked out at Dumbledore's last army and they looked back. "This is supposed to be a school. It's supposed to be safe, and you're

supposed to be children, do you see? Children, and we shouldn't have to be fighting these battles. It never should have been us. It never should have been me."

He had Ginny at his back, all bright hair and brighter hexes. Luna had her eyes on everything but other people's gazes, and she slipped in and out like a breeze to whisper secrets and riddles. There were dozens of frightened children staring up at him, listening like he might be saying something worth hearing.

"But we're all there is," said Neville.

There was a small army at his feet, rosy-cheeked and soft-palmed. When they had nightmares, these days, they woke up so quiet. Their dormmates woke up, too, anyway, light sleepers all, and tossed them chocolate.

Harry came back, Horcruxes and their shattered shells in hand, Ron and Hermione at his tired heels. This time, Neville did not tell Harry he should have been the one carrying the scar. No one should have to carry this. But Neville looked out at his lieutenants, his foot soldiers, and knew— any one of them would have tried if he had asked them to.

Neville used his snakes to send messages through the Hogwarts halls. By the end, even Gryffindors were keeping snake treats in their pockets. Hufflepuffs were inventing spells to heat flagstones up to just the right sunbaked warmth, and Ravenclaws were teaming up with Slytherins, trying to see if Parseltongue was something you could learn.

When the challenge echoed through the halls, Neville walked out to the forest. He didn't tell anyone he was going and they were not surprised when he was gone, just furious, just proud. Neville didn't know about the Horcrux living in his skin and bone, but he did know what he owed the children clustered in the belly of that castle.

The Death Eaters carried Neville's body to the courtyard, and offered the students ungenerous terms of surrender. Neville was not there, not in this story, to be the first to stand and refuse, but his lieutenants beat him to it, his foot soldiers and his children. In that courtyard, Harry killed a snake with a sword for the second time, but those kids had spent nearly a year watching Neville refuse to give up against all odds. He had taught them how and they would not let their general down now.

Voldemort was mortal now, every shattered piece of his soul turned back to sand and dust. When he died at Hogwarts' doorstep, his body thumping on the flagstones, it was at the end of a half dozen avada kedavras, screamed from the throats of children who would have war living in their breastbones all their lives.

Neville was too busy to watch Tom Riddle hit ground; he counted his soldiers, his children, checked perimeters and measured enemies. Neville rose to his feet. His army turned outward, wands drawn, and the Death Eaters broke and fled.

There were bodies laid out on the Great Hall floor. In every version of this story, there were bodies here. That is what war does. A brother. Lovers. Children.

Harry's face went rigid when he saw his godfather on the ground— Peter was not really his godfather, not exactly. Sirius had gotten Harry, and Remus got his little brother, and Peter was Harry's little sister's.

But Peter was laid out there. He had gotten six Death Eaters before they had gotten him. When Harry said something numbly about guilt, about repentance, Ginny, who had been there, shook her head. "No, I don't think that was it."

Harry went to find his sister. By the time he reached Tuney and told her the news, he was crying. It was not quiet crying and he did not care.

When they found Peter's last letter, hidden in Tuney's disused pile of old stuffed animals, the Marauders got drunk and loud, sad and furious, and proud, so proud, of Peter for being brave enough to let his friends hate him. It is one thing to stand up to your enemies and quite another to stand up to your friends.

The dust settled. They had to decide what to do now that imminent death was no longer so high on the menu. Neville let his bangs grow out and cover his scar. Harry got rid of the wand, the stone, and kept the cape. People recognized Neville not by his scar or his clumsy hands, but by the set of his shoulders, his chin, the way the room turned to look for his orders.

Neville would make the rest of his life about life — growing things and teaching children. Harry tried out to be an Auror, reckless and lucky and good. Neville applied to work as a Herbology teacher.

Neville listened to his students, the shrill girls and the shy ones, the boys who stumbled over their tongues and the ones who walked with chests shoved out like pigeons'. He left flowers at more graves, these days, than just his parents'. He made a little flap door in the greenhouses so the garden snakes might slither in and curl up in the warmth, even in the winter.

His scar did not ache. All was well.

Inominável

Malu_Chan

- Então, você vai finalmente explicar o que aconteceu naquele dia? – uma semana havia passado desde o incidente na boate e mesmo assim Harry não dissera nenhuma palavra sobre o assunto. Rony já estava quase ficando cansado de perguntar, mas não desistia – nas raras vezes que o amigo não conseguia fugir, ele o pressionava na tentativa de obter respostas. Hermione dizia para ele parar de atormentar o outro, mas ele não lhe dava muita bola.

- Você estava lá também, viu o que houve... – resmungou. Já estava um pouco farto das perguntas de Rony. Será que o ruivo não via que ele não ia comentar sobre aquilo? As coisas já estavam confusas demais sem ele revirando aquelas memórias.

- Mas, Harry...

- Olha, Rony – o moreno retirou os óculos e coçou os olhos. – Eu não sei o que aconteceu, ok? Só... aconteceu! Não tenho como explicar e nem sei se eu quero, tá legal? Agora, será que dá pra deixar esse assunto de lado?

- Muito bom, senhores, é bom deixar seus assuntos particulares de lado – a voz poderosa do chefe do Departamento de Aurores soou no cubículo que os dois dividiam. – Tenho uma missão para os senhores e preciso de toda sua atenção...

x.x

Harry gostava de casamentos. Eles o faziam lembrar de seus pais, não importando em que época fosse. Ele procurava ir ao maior número deles que podia, desde o fim da guerra. Contudo, quando Zabini, agora um de seus colegas de Departamento, lhe convidou para o seu casamento com Pansy Parkinson, ele pensou seriamente em não ir. A possibilidade de – finalmente – encontrar com Draco Malfoy depois de todos aqueles meses era terrivelmente assustadora.

E impressionantemente atraente.

x.x

- Eu não devia ter vindo – resmungou o moreno para si mesmo pela quinta vez desde que chegara ao local da festa. A cerimônia de ligação entre Zabini e Parkinson fora rápida, mas muito bonita. O problema do homem, infelizmente, não era esse.

Logo que ele havia chegado, Harry dera de cara com quem menos gostaria de encontrar: Draco Malfoy. O loiro estava muito bonito, com suas vestes pretas

formais e, apesar da seriedade, ainda era possível ver os traços daquele homem sexy que havia conquistado metade de uma boate meses atrás.

Os dois se cumprimentaram com um aperto de mão que levou arrepios à coluna de Harry e não mais se falaram. Mesmo assim, a presença do outro era o suficiente para deixar o moreno irritado o tempo todo.

Ele estava irritado e disperso, e a toda hora verde e cinza se encontravam como se por acaso – pena que não havia acaso nenhum ali, quando ambos se esforçavam para se evitar, mas não conseguiam tirar os olhos um do outro.

Quando sua irritação chegou ao máximo, Harry decidiu, por bem, ir embora dali. Não havia passado muito tempo desde que a festa começara, mas ele não conseguia mais suportar. Se continuasse por mais tempo, era bem capaz de começar uma briga.

Ou qualquer coisa assim.

x.x

- Eu não sou gay, eu não sou gay, eu não sou gay... – Harry repetia o mantra enquanto se encarava pelo espelho do banheiro. Havia chegado em casa há muito tempo, tomado um banho e tentado relaxar. Até agora – e já era quase meia noite – ele não conseguira.

As imagens da boate, que ele por tanto tempo conseguira fazer sumir de sua mente, não paravam de passar por seus olhos. Misturadas à figura do loiro naquela noite, elas passavam pela sua cabeça a uma velocidade assustadora causando reações em seu corpo que ele não estava acostumado a ter quando pensava em outro homem.

- EU NÃO SOU GAY! – gritou ele com o punho fechado – punho este que foi direto ao encontro do espelho. O banheiro se encheu de cacos, que voaram para todos os lados, e a pia foi lentamente se manchando de vermelho.

Finalmente algo para se concentrar e distraí-lo daquilo.

x.x

- Eu não sei o que está acontecendo comigo, Hermione – ele finalmente desabafou. Desde que os dois sentaram no café trouxa que havia perto do Ministério falaram sobre o tempo, a família dela, os Weasley e os tempos de colégio. Mas nenhum desses era o assunto que Harry realmente gostaria de falar com a amiga quando mandou aquela coruja. – Eu acho que estou ficando louco... Desde aquele dia na

boate eu fico pensando em coisas que não deveria. Caramba! Eu não consigo parar de pensar nele, Mi... Eu devo estar sob a influência de um feitiço, ou sei lá...

A garota permaneceu em silêncio por algum tempo, fazendo com que Harry ficasse cada vez mais nervoso. – Você não está enfeitiçado, Harry, sabe disso – disse ela simplesmente.

- Mas então o que está acontecendo comigo? – ele soava desesperado.

- Eu não sei. Você pode estar só... curioso – Hermione parecia cautelosa, como se não quisesse magoar os sentimentos do amigo. – Mas você é meio obcecado por Malfoy desde a escola, então...

- Como assim obcecado?

- Vamos encarar os fatos, Harry. Nosso sexto ano, se lembra? Era realmente meio esquisito, porque você não parava de persegui-lo.

- Mas isso era porque eu sabia que ele estava fazendo algo de errado! Ele tentou matar Dumbledore, o que provou que eu estava certo!

Ela arqueou uma sobrancelha. – Tem certeza de que era somente isso?

x.x

- Está atrasado, Potter.

O auror deu um pulo, virando-se imediatamente com a varinha a postos em um milésimo de segundo. "Que diabos...?". Fagulhas vermelhas saíam da ponta da madeira, indicando o começo do feitiço que ele quase pronunciara.

Interrompeu a magia quando viu quem era, mas não abaixou a varinha. Sua mente trabalhava mais rápido agora, visualizando os detalhes do quarto. A porta estava à sua esquerda, atrás da pessoa que falara consigo. Havia uma janela à sua frente e uma porta aberta à sua direita, onde ele podia vislumbrar um pedaço do banheiro. Duas camas de solteiro bem simples.

- O que faz aqui, Malfoy? – perguntou Harry seriamente.

O outro parecia não ligar para o fato de estar sob a mira dele. – Estou esperando você. E você está atrasado, como eu já disse.

- Não, não estou. E isso não lhe interessa. Eu devia encontrar um Inominável aqui.

- E eu sou o que, Potter? Um elfo-doméstico?

O choque foi grande o suficiente para fazer Harry baixar o braço da varinha. – Você? Trabalhando no Ministério?

- É claro que sim, Potter. E agora que você já demonstrou toda a sua inteligência, será que poderia se sentar para eu te passar os detalhes da missão?

O moreno ainda estava confuso e meio desconfiado, mas assentiu. Olhou em volta, e sentou-se em uma das camas. – Pode falar.

- Eu não sei se você sabe – começou o loiro sentando na outra cama, bem de frente para Harry. – Bristol era uma vila mágica que foi invadia por trouxas no que eles chamam de Idade Média. Os bruxos locais fugiram em sua maioria para outras vilas e desde então o local tem sido puramente trouxa. Mesmo assim alguns monumentos antigos ainda permanecem relativamente mágicos, o que garante certa circulação de magia na cidade. Alguns meses atrás nós recebemos um aviso de magia anormal na cidade e alguns inomináveis vieram investigar, mas não encontraram nada fora do normal. Na semana passada, recebemos o mesmo aviso, juntamente com um sobre atividades bruxas suspeitas na região. O Ministério está com medo de que sejam Ex-Comensais ou partidários da causa que queiram se unir novamente, por isso pedimos um reforço de aurores. Minha missão, que por acaso não é da sua conta, é investigar as anomalias mágicas. A sua é procurar identificar a possível participação de partidários das trevas nessas anomalias – o loiro levantou-se e foi até o outro lado do quarto pegar algo em cima da lareira. – Nós vamos começar aqui – ele continuou, sentando-se novamente e apontando algo em um mapa. – Na igreja de St. Mary Redcliffe. Era um antigo ponto de rituais mágicos e onde está concentrada a maior parte da magia existente na cidade. Os relatos de anomalia vêm dali.

- Tudo bem, então vamos.

Os dois se levantaram juntos e acabaram por se esbarrar no vão pequeno entre as camas. Os olhos se cruzaram e toda a seriedade da missão foi substituída momentaneamente por uma tensão. O ar parecia estalar e Harry não sabia o que fazer. Sua mente ficou vazia enquanto encarava os orbes cinza à sua frente.

De repente, Malfoy estava perto demais e os dois estavam se beijando, furiosamente.

Quando um gemido escapou de seus lábios, Harry recuperou a consciência e empurrou o outro, que caiu sentado na cama. – Que droga, Malfoy, eu não sou gay!

O cinza relampejou. – Se você diz... – Draco levantou-se e foi em direção à porta. – Mas, sério, Potter... Você precisa superar essa sua negação – disse ele com um sorriso malicioso antes de sair.

O moreno arregalou os olhos antes de segui-lo. Ia ser uma longa missão aquela.

x.x

Algumas semanas depois, Harry ainda estava confuso. Durante os três dias em que eles ficaram em Bristol, Malfoy não disse mais nada que lembrasse o beijo entre eles. O loiro havia sido absolutamente profissional. Ele já não sabia mais o que pensar sobre o outro quando recebeu uma coruja de Malfoy.

"E então, Potter, já resolveu parar de se lamentar? Vou estar no Caldeirão Furado no fim do expediente, se for do seu interesse.

D.M."

Bom, ele não era famoso por pensar racionalmente nas suas ações mesmo.

x.x

- Oi.

- Oi.

Silêncio.

Harry sentou no banco ao lado do loiro, no balcão mesmo e pediu uma bebida para ele. Os dois beberam calados por algum tempo.

- Já resolveu o que quer, Potter?

- Eu estou aqui, não estou?

x.x

Harry Potter não era virgem já fazia algum tempo.

Previsivelmente, ele tivera sua primeira vez com Ginny Weasley, sua namorada logo que a guerra acabou. Os dois terminaram logo depois, mas ele não ficou em celibato por isso. Não havia deitado com muitas mulheres, mas gostava de sexo, como todo cara saudável da idade dele.

Ele, contudo, não estava preparado para a explosão de excitação que percorreu seu corpo quando viu Draco tirando a própria blusa.

A pele pálida, com algumas cicatrizes. Pêlos, quase nenhum.

As mãos correram por ali, tímidas a principio, mas ganhando mais firmeza com o tempo.

Peitos nus que se encontravam. Lábios e línguas brincando um jogo diferente. Braços que puxavam com força.

E então não havia mais nada entre eles.

Beijos, lábios, cama.

Lençóis de seda macios. Frio. Arrepio.

Força...

Mais força.

Gemidos, muitos deles e em alto e bom som. Rápido, mais rápido...

Então, por um segundo, não havia mais som. Somente sangue em seus ouvidos. E sangue correndo muito rápido em suas veias.

E seu corpo, pesado, relaxando enquanto o de Draco fazia exatamente o mesmo.

Ele achava que não sairia daquela cama nunca mais.